



SOCIOLOGIA  
E POLÍTICAS PÚBLICAS

---

**ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS NO MUNDO RURAL EM ANGOLA  
O CASO DO MUNICÍPIO DE CALUQUEMBE-COLA**

Faustino Tchitetele

Mestrado em Educação e Sociedade

Orientadora:

Doutora Patrícia Ávila, Professora Associada,  
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Julho, 2020

## AGRADECIMENTOS

“Finis coronat opus” (o fim coroa a obra). Depois de tanto pestanejar para a realização do trabalho presente, depois de muitas buscas de ideias teóricas e empíricas para a obtenção de grau académico de Mestre, no curso de Educação e Sociedade, no tempo compreendido em dois anos, é chegado o momento de agradecer a conjugação continuada de personalidades que deram maior impulso neste tirocínio académico.

A Deus Uno e Trino, Autor da vida e de toda história por me ter concedido a vida, saúde e capacidade de superação de várias dificuldades, a minha sempiterna gratidão.

Aos meus pais: Paulo Adolfo Mona (de feliz memória) e Clementina Tchiwaya, pelo amor e carinho no incentivo da minha formação, o meu profundo reconhecimento.

À minha Orientadora Doutora Patrícia Ávila, Diretora do Doutoramento em Sociologia, que sabiamente orientou este trabalho e incentivou-me bastante a enveredar por caminho certo e seguro, a minha eterna gratidão.

À Coordenadora do curso, Doutora Teresa Seabra, o meu muito obrigado pelo vosso acompanhamento incansável.

À universidade do ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa, seu corpo docente, direção e seu elenco administrativo, o meu muito obrigado por tudo.

Ao Cardeal-Patriarca Dom Manuel Clemente (Patriarcado de Lisboa), ao Conselho dos Missionários de Nossa Senhora de La Salette em Angola, ao meu irmão Padre Avelino Sangameya, ms, aos meus confrades da minha comunidade de Peniche e aos de Nogueira do Cravo (Portugal), e a todos confrades da Província de Angola e de toda Congregação Saletina no mundo, a minha elevada gratidão e que Deus vos abençoe copiosamente.

Ao Senhor José Arão Natanael Chissonde, digno Administrador de Caluquembe (Huíla), muitíssimo obrigado por tão elevado nível de amizade e ajuda.

Ao Senhor Engenheiro Carlos João e sua esposa Maria João, o meu muito obrigado pelo vosso apoio e incentivo, que Deus derrame sobre vós a sua bênção e não vos canseis de fazer o bem!

À minha madrinha Severina Abias, pronta nos momentos certos que precisei de apoio, a minha perpétua gratidão.

O meu muito obrigado estende-se a todos que direta ou indiretamente fizeram parte neste processo da minha formação.

## RESUMO

Angola possui elevadíssimas taxas no que concerne ao analfabetismo de adultos, mormente nas localidades rurais. Este trabalho teve como objetivo de investigação a forma como os adultos que residem em zonas rurais de Angola (em concreto na região de Caluquembe-Huíla) percecionam a importância da alfabetização e a sua relação com a literacia no seu dia-a-dia.

. A metodologia seguida foi de natureza qualitativa (Estudo de caso) e recorreu-se a entrevistas semidiretivas realizadas a adultos analfabetos e também a adultos que não frequentaram programas de alfabetização.

Segundo a pesquisa realizada, o analfabetismo abrange sobretudo o sexo feminino, com consequências drásticas no bem-estar das famílias e constituindo uma barreira para o desenvolvimento sustentável da sociedade angolana e não só. A falta de alfabetização das mulheres, sobretudo adultas, tem implicações no dia-a-dia, dificultando a interpretação de textos escritos e também a educação das crianças.

A implementação do projeto de Alfabetização de Adultos em Angola promovido pelo Governo, tem como parceiros as igrejas e outros organismos sociais. Foi nesta senda, que a Missão do Cola em Caluquembe implementou, a partir de 2007 o projeto de alfabetização de adultos numa zona marcada pela guerra e pela pobreza extrema e em que a população se dedica sobretudo ao trabalho no campo. Este projeto permitiu que muitos adultos dessem um grande passo na aprendizagem da leitura, da escrita e da literacia. Contudo, muitos continuam de fora, sendo necessário procurar formas de ultrapassar as principais barreiras que ainda os afastam dos processos de aprendizagem ao longo da vida. Entre essas barreiras, devem destacar-se as barreiras motivacionais (o “estudo” é deixado para as crianças e para as camadas jovens), para além de outras, como as que remetem para a falta de equipamentos e de professores assim como dificuldades em conciliar a frequência das ações com as tarefas do dia-a-dia, sobretudo no caso das mulheres.

**Palavras-chave:** alfabetização de adultos, Angola, literacia, analfabetismo, aprendizagem ao longo da vida, meio rural.

## **ABSTRACT**

Angola has extremely high rates of adult illiteracy, especially in rural areas. This work aimed to investigate how adults living in rural areas of Angola (specifically in the region of Caluquembe-Huíla) perceive the importance of literacy and how they relate to it in their daily lives.

The methodology followed a qualitative approach (Case Study) and semidirective interviews were conducted with illiterate adults and with adults who did not attend literacy programmes.

According to the research, illiteracy mainly affects the female gender, thus causing drastic consequences for the well-being of families and creating a barrier for the sustainable development of the angolan society and beyond. The lack of literacy among women, especially adults, has serious implications in their daily lives, making it difficult to interpret written texts and also to educate children.

The implementation of the Adult Literacy project in Angola, which was promoted by the Government, partnered up with churches and other social organisations. In this context, the Cola Mission in Caluquembe implemented the adult literacy project in 2007, in an area marked by war and extreme poverty, in which the population is mainly dedicated to agriculture. This project allowed many adults to take a big step in literacy and learning to read and write. However, many others remain outside, so it is necessary to find ways to overcome the main barriers that keep them from lifelong learning processes. Among these barriers, motivational ones should be highlighted (studying is left for children and young people), in addition to others, such as those which refer to the lack of equipment and teachers, as well as difficulties in reconciling the frequency of actions with day-to-day tasks, especially in the case of women.

**Keywords:** adult literacy, Angola, literacy, illiteracy, lifelong learning, rural environment.

## ÍNDICE

<b>Agradecimentos</b> .....	<b>ii</b>
<b>Resumo</b> .....	<b>ii</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>iv</b>
<b>ÍNDICE</b> .....	<b>v</b>
<b>FIGURA</b> .....	<b>vi</b>
<b>GLOSSÁRIO DE SIGLAS E ABREVIATURAS</b> .....	<b>viii</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>

### **CAPÍTULO I -A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO NA FASE ADULTA**

<b>1.1. Conceito de alfabetização e conceitos relacionados</b> .....	<b>3</b>
1.2.1. Contextos formais, não formais e informais.....	5
1.2.2. Da alfabetização à Literacia .....	6
<b>1.3. Literacia e seus contextos</b> .....	<b>7</b>
<b>1.4. Impacto da aprendizagem ao longo da vida</b> .....	<b>8</b>
<b>1.5. O caso do analfabetismo</b> .....	<b>9</b>
<b>1.6- Estratégia para combater o analfabetismo</b> .....	<b>10</b>

### **CAPÍTULO II -POLÍTICAS EDUCATIVAS NA ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS EM ANGOLA MEDIDAS E METAS**

<b>2.1. Um breve olhar sobre o contexto histórico Socioeconómico, Democrático e cultural de Angola</b> .....	<b>12</b>
<b>2.2. Medidas desenvolvidas pelo Estado Angolano</b> .....	<b>13</b>
<b>2.3. Metas alcançadas e metas por alcançar</b> .....	<b>14</b>
<b>2.4. Educação no meio rural em Angola</b> .....	<b>15</b>
2.5.1. Educação de adultos no meio rural de Caluquembe.....	17
2.5.2. O papel da Igrejas (Católica e Protestante) no processo da educação em zonas rurais) .....	18
<b>2.6. Constrangimentos ao processo de alfabetização de Adultos no meio rural</b> .....	<b>19</b>
<b>2.7. Avanços e Retrocessos da Educação em Angola</b> .....	<b>20</b>

### **CAPÍTULO III - METODOLOGIA DO ESTUDO**

<b>3.1. Objeto de estudo, objetivos da pesquisa e modelo de análise .....</b>	<b>22</b>
<b>3.2. Metodologia .....</b>	<b>23</b>
<b>3.3. Caracterização dos entrevistados.....</b>	<b>27</b>

### **CAPÍTULO IV- ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS**

<b>4.1. Infância e escola (ou a ausência da escola durante a infância) .....</b>	<b>29</b>
<b>4.2. A vida adulta em Caluquembe-Cola: relação com a literacia.....</b>	<b>30</b>
4.2.1. Adultos que não participam em ações de alfabetização.....	32
4.2.2. Adultos que participaram em ações de alfabetização.....	34
<b>4.3. Considerações relativas à Missão do Cola, formadores e à Direção Municipal da Educação.....</b>	<b>35</b>

<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>37</b>
------------------------	-----------

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>39</b>
---	-----------

<b>ANEXOS.....</b>	<b>43</b>
--------------------	-----------

<b>ANEXO I - FOTO TIRADA NO COLA/ COMUNA DO CALEPI COM O PESSOAL DA NOSSA PESQUISA .....</b>	<b>43</b>
--	-----------

<b>ANEXO II – GUIÃO DE ENTREVISTAS .....</b>	<b>43</b>
--	-----------

<b>ANEXOS III- DESCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: DA TEORIA À INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA.....</b>	<b>47</b>
--	-----------

<b>ANEXOS IV- GRELHAS.....</b>	<b>53</b>
--------------------------------	-----------

## FIGURA E QUADROS

<b>Figura 1- Modelo de análise.....</b>	<b>25</b>
<b>Quadro 1- Caracterização dos entrevistados .....</b>	<b>Erro! Marcador não definido.</b>

## GLOSSÁRIO DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- CONFNTEA- Conferências Internacionais de Educação de Adultos
- EJA- Educação de Jovens e Adultos
- ETA- Educação Para Todos
- ETA- Educação Tradicional de Angola
- FNLA- Frente Nacional de Libertação de Angola
- IALS, International Adult Literacy Survey (Pesquisa Internacional de Alfabetização de Adultos)
- IMI- Imposto Municipal Sobre Imóveis
- INFQ - Instituto Nacional de Formação de Quadros INFQ
- MEA- Ministério da Educação de Angola
- MPLA- Movimento Popular de Libertação de Angola
- PEPRA- Plano Estratégico para Revitalização da Alfabetização
- PMFP- Plano Mestre de Formação de Professores
- PND- Plano Nacional de Desenvolvimento
- UIE- Instituto da UNESCO para a Educação
- UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
- UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a Infância
- UNITA- União Nacional para a Independência Total de Angola
  
- *apud*- Citado por
- *et. al*- e outros
- L.P- Língua Portuguesa
- nº - Número
- orgs. – Organizadores
- P/a- para



## INTRODUÇÃO

A importância da educação ao longo da vida constitui um garante de desenvolvimento em quase todos os setores da sociedade (político, económico, social e cultural). Este trabalho pretende apresentar, como um dos objetivos, a origem da pouca participação dos analfabetos angolanos, no que diz respeito à alfabetização dos adultos. Outro dos objetivos é incentivar as pessoas das zonas rurais de Angola, especialmente as do município de Caluquembe-Huíla, no combate ao analfabetismo, inerente às pessoas que habitam nas áreas rurais deste município. O problema teórico levantado nesta investigação relaciona-se com a seguinte questão de partida: Qual a relação das famílias analfabetas do mundo rural de Angola com a alfabetização e aprendizagem escolar ao longo da vida. A ideia inicial desta investigação partiu de uma análise, da constatação do problema do analfabetismo, no seio da população adulta, nas aldeias que circundam a escola Missionária do Cola, no Município de Caluquembe / Província de Huíla. Assim sendo, este trabalho incide sobre uma população específica.

A reflexão sobre o assunto em causa foi motivada, especialmente, pela “Unidade Curricular Educação ao Longo da Vida”, que proporcionou horizontes para a feitura do trabalho presente. Os objetivos propostos nesta Unidade Curricular influenciaram grandemente a visão sobre o assunto, no sentido de desenvolver a ideia que estava em devir, alfabetização de adultos. Em princípio, a investigação a tratar é, antes de tudo, sobre a alfabetização de adultos no mundo rural em Angola e, de modo muito particular, nos arredores do município de Caluquembe, na Província de Huíla. Ao ter em conta que o analfabetismo é tido como a epidemia social a erradicar no mundo e, encarada como a cegueira da humanidade, que coloca um travão ao desenvolvimento, pretende-se perceber qual a relação da família analfabeta do mundo rural angolano com a aprendizagem escolar ao longo da vida e com a literacia e incentivar a alfabetização, tanto das crianças como dos jovens e adultos. Os adultos, das áreas não urbanas em Angola, deparam-se com muitas dificuldades, no campo da saúde, na aquisição de emprego, de enviar os filhos para o prosseguimento dos estudos para outros níveis académicos. Em face do contexto acima exposto propõe-se, através de um estudo específico, investigar, como se pode combater o analfabetismo e promover campanhas de alfabetização e de aprendizagem ao longo da vida, consciencializando os indivíduos que só desta forma se consegue ultrapassar a sua situação de ignorância e de extrema pobreza. Esta investigação tem no seu enquadramento o trabalho de vários autores, que em diferentes circunstâncias, espaciais e temporais, já se debateram com este assunto e emitiram diversas

teorias, fundamentadas em estudos aprofundados sobre a mesma temática. Assim, elencamos alguns que achamos mais pertinentes referenciar, como é o caso de Ribeiro (1997), que sustenta a teoria, segundo a qual o analfabetismo designa a condição daqueles que não têm a capacidade de ler nem de escrever. Na Idade Média, Fernández (2006), sustenta que a situação do analfabetismo que se vivia nessa época, não constituía preocupação na sociedade.

A conferência Internacional sobre a Educação de Adultos (CONFINTEA), sublinha a importância da alfabetização ao longo da vida, como garante do desenvolvimento sustentável. Segundo Pepra (2012 *apud* Freitas 2014), a alfabetização constitui um processo de inclusão social, massivo e prioritário. “O conceito de literacia pretende dar conta das capacidades de cada indivíduo, quanto à utilização e interpretação de informação escrita. Remete, portanto, para as práticas diárias, para o uso quotidiano, para as competências, e não só para os níveis de qualificação escolares” (Ávila 2008:1). O mundo moderno depara-se com muitos desafios, assim sendo, urge a necessidade da Literacia para dar respostas a estas situações que se impõem todos os dias, desenvolvendo a capacidade cognitiva, garantindo competências pessoais.

Também se salienta a questão de despertar a consciência do homem rural para perceber o quão é importante estancar o analfabetismo, por constituir um impedimento no desenvolvimento sustentável. A alfabetização de adultos, ao longo da vida, desempenha um papel muito importante para o bem-estar das populações. Segundo a UNESCO (2010), a aprendizagem e a educação de adultos representam mudança de paradigma para a vida das pessoas.

Parte-se do pressuposto de que a população adulta das aldeias da escola missionária de Caluquembe – Cola, não se sente incomodada pelo facto de não saber ler nem escrever. Pensam que o estudo é só para jovens e crianças. É uma preocupação muito séria porque vivem na sua maioria, numa consciência redondamente errónea e isto retarda o desenvolvimento social e económico. O meu objetivo é incentivar os mais velhos das comunidades, entidades religiosas e organizações não governamentais, no sentido de ser feita uma campanha de sensibilização para valorização da alfabetização. Nesta investigação far-se-á algumas consultas de obras de alguns autores que irão certamente ajudar esta reflexão, fazendo assim uma ligação do conhecimento empírico com o teórico. O trabalho apresenta quatro capítulos.

## CAPÍTULO I

### A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO NA FASE ADULTA

#### 1.1. Conceito de alfabetização e conceitos relacionados

O conceito de alfabetização prende-se com o ato de ensino e aprendizagem que se traduz na forma de desenvolver a habilidade de ler e escrever e fazer contas simples. Segundo Oliveira (2002 *apud* Gomes 2018:19), alfabetizar significa “ensinar o alfabeto”, ou seja, ensinar a ler e escrever, ensinar a identificar os símbolos gráficos da linguagem verbal. Para além do seu reconhecimento é preciso ter a compreensão dos mesmos, no sentido de interpretá-los, para que se possa produzir mensagens de maneira singular, para melhor comunicação e contacto com as pessoas. Segundo Fernandes (2006), falando do conceito da alfabetização, afirma que ele se prende com o facto de ler e escrever e percebe-se que, ao longo da História, não foi percecionado da mesma maneira. Primeiramente deve dizer-se que até ao século XIX a arte de ler, escrever e contar ensinava-se separadamente. Herman (1970, *apud* Graff 1995:76), relata que, no princípio dos anos 50, boa parte dos governos consideravam a alfabetização como a capacidade de ler, escrever e realizar contas simples. “Na década de 50, testemunhou-se uma tendência crescente em distinguir-se entre uma pessoa alfabetizada e uma pessoa funcionalmente alfabetizada, definida pelo conhecimento e habilidades essenciais que a capacitam a engajar-se em todas aquelas atividades nas quais a alfabetização é exigida para o funcionamento efetivo em seu grupo e em sua comunidade, e cujas conquistas tornaram-lhe possível utilizar essas habilidades para o seu o próprio desenvolvimento e o da comunidade” (Harman, 1970, *apud* Graff 1995:76).

De entre as múltiplas definições que vários autores apresentam sobre alfabetização, pode dizer-se que existe um elemento comum, no sentido de que os autores desembocam na questão de que alfabetização tem como elemento fundamental desenvolver habilidade de ler e escrever constituindo, desta forma, um trampolim para a interpretação e execução de mensagens que facilitem o processo de comunicação com os outros. Apesar do grande trabalho que se levou a cabo no campo da alfabetização, a verdade é que a oralidade continuou vigente no mundo, tanto nos lugares públicos como nos privados, mesmo antes de saber-se ler e escrever. A oralidade tinha mais peso, era mais comum e poderosa e atravessou todos os tempos da História da Humanidade. A escrita tem uma importância determinante na História. Contudo, a escrita não é a primeira forma de comunicação, mas sim um complemento indispensável para a transmissão da oralidade à distância, ligação comunitária e registo dos acontecimentos e das inter-relações sociais. Muitas culturas antigas, mormente na Idade Média, viveram sem escrita, mas a oralidade sempre existiu, por isso, é primária.

A História dos povos tem demonstrado que a capacidade para a comunicação verbal é inata. Daqui, esperar-se-ia que se manifestasse amplamente para todos os seres humanos. Contudo, verifica-se que as formas de linguagem parecem terem sido inventadas, independentemente, por todo o mundo, nas múltiplas sociedades humanas. Daí que o número de linguagens poderá ter sido proporcional ao número de tribos que existiam, num determinado tempo histórico da humanidade. Para justificar o que foi dito, tomou-se em consideração o facto de antes da colonização britânica na Austrália, existirem centenas de tribos de povos aborígenes, que se movimentavam no continente Australiano, fazendo uma vida nómada, vivendo como que uma vida pré- Neolítica, em que “cada tribo possuía a sua própria maneira de comunicar, ou seja, tinha a sua própria linguagem” (Mlodinow 2016: 62).

Da História e Literatura da Humanidade, não existem referências relativas à existência de tribos mudas. Logo, a linguagem falada é própria do ser humano e uma característica que define a espécie humana já “a linguagem escrita é um traço definido da civilização humana, e uma das suas mais importantes ferramentas” (Mlodinow 2016: 62). A oralidade possibilita a comunicação com a vizinhança, enquanto a escrita permite a comunicação com pessoas e comunidades distantes, tanto no espaço como no tempo. Foi graças à escrita que se conseguiu acumular muito conhecimento cultural e científico, ao longo dos tempos, que permitiu o grande desenvolvimento económico, social e tecnológico dos tempos contemporâneos. A linguagem falada surgiu naturalmente. Não necessitou de ser inventada. Já a escrita foi uma invenção do ser humano, talvez uma das maiores invenções e das mais difíceis. “A escrita foi inventada pelos sumérios, na Mesopotâmia há cerca 5400 anos. O seu aparecimento representou, antes de tudo, uma alteração profunda ao nível das formas de comunicação” (Ávila 2008:43). Aqui chegados, em que a linguagem escrita atingiu, através da literatura e, especialmente da poesia, um nível de subtilidade merecedor da maior reverência, por existirem termos adequados aos pensamentos mais nobres, aos hinos à natureza, à elevação do amor e da vida. Enquanto os povos mais literatos podem usufruir do grande poder comunicativo da linguagem escrita, a um nível elevadíssimo e sofisticado, existem muitos milhões de cidadãos no mundo, principalmente nas zonas rurais de muitos países, que nem sequer conseguem juntar duas vogais do alfabeto, por nunca lhes terem dado a oportunidade de aprenderem. Pelo que foi dito, não existem dúvidas que a Humanidade deveria ter como ponto de honra a ajuda à alfabetização de todos os cidadãos. Segundo Fernández (2006), a situação do analfabetismo que se vivia na Idade Média, não constituía preocupação na sociedade. Os ricos e pobres, reis e clérigos, nobres e vassallos, não sabiam ler nem escrever. Assim a Idade Média, foi marcada por muito tempo como sociedade iletrada. O caminho da Alfabetização à Literacia foi muito longo e continua a ser uma tarefa importantíssima para sociedade por causa do seu aspeto promocional e do desenvolvimento. Desta feita, urge a necessidade de alfabetizar o adulto já que:

A educação de adultos é crescentemente vista como uma ferramenta importante para reparar a desigualdade social e económica, para reduzir a pobreza, para preparar a sociedade mundial para novos paradigmas de produção e consumo sustentável, para preparar mão-de-obra qualificada para as economias competitivas, para criar base para uma cultura de paz e de boa convivência, para estabelecer relações mais harmoniosas entre os ambientes humano e natural, para desenvolver o potencial de todas as pessoas (Ireland 2014:54).

A alfabetização constitui um campo muito vasto de ação. Assim, estudar-se-ão alguns conceitos teóricos relacionados com alfabetização, para que se torne mais compreensível este trabalho. Desta forma, temos o caso da educação de adultos que é uma área da pedagogia muito abrangente, nas diferentes metodologias que podem ser aplicadas, não se confinando, pura e simplesmente, a um único método.

Educação de adultos denota o conjunto de processos educacionais organizados, seja, qual for o conteúdo, nível e método, quer seja formais ou não, quer prolonguem ou substituam a educação inicial nas escolas, faculdades e universidades, bem como estágios profissionais, por meio dos quais pessoas consideradas adultas pela sociedade aqui pertencem desenvolvem suas habilidades, enriquecem seus conhecimentos melhoram suas qualificações técnicas ou profissionais ou tomam uma nova direção e provocam mudanças em suas atitudes e comportamento na dupla perspectiva de desenvolvimento pessoal e participação plena na vida social económica e cultural, equilibrada e independente (UNESCO 1976 *apud UNESCO 2010:13*).

Ainda na mesma senda de conceitos relacionados apontamos também aprendizagem de adultos que acarreta consigo um conjunto de educação formal, não formal e informal. “Aprendizagem de adultos engloba a educação formal e continuada, a aprendizagem não formal e a gama de processos de aprendizagem informais e incidentais disponíveis numa sociedade de aprendizagem multicultural, onde as abordagens baseadas na teoria e na prática são reconhecidas”. (UIE 1997 *apud UNESCO 2010:13*).

### **1.2.1. Contextos formais, não formais e informais**

É de carácter muito relevante que os três contextos se interliguem na aprendizagem de qualquer pessoa. São conceitos vizinhos que permitem aquisição de conhecimentos de forma diferenciada. A educação formal desempenha um papel importantíssimo na educação de adultos, uma vez que permite a sequência na aprendizagem dos conteúdos por ter a característica de estruturação e por possuir instituições próprias (escolas, universidades). “A aprendizagem formal ocorre como resultado das experiências em uma instituição de educação ou treinamento, com objetivos de aprendizagem, duração e apoio estruturados que conduzem a certificação. É intencional, do ponto de vista do educando”. (UNESCO 2010:27)

Segundo a UNESCO (2010), a educação não formal não é fornecida por uma instituição de educação e, por isso, normalmente, não garante certificação. “A educação não formal pode

ocorrer no local de trabalho e através de atividades de organizações ou grupos da sociedade civil” (Aníbal 2010:184). Entretanto, é estruturada do ponto de vista dos objetivos que permitem aprendizagem. Segundo Morand-Aymon (2007), este afirma que a educação não formal é vista como organização de uma atividade social e que tem sempre uma intenção educativa que facilita a aprendizagem.

Aprendizagem não formal: decorre em paralelo aos sistemas de ensino e formação e não conduz, necessariamente, a certificados formais. A aprendizagem não formal pode ocorrer no local de trabalho e através de atividades de organizações ou grupos da sociedade civil (organizações de juventude, sindicatos e partidos políticos). Pode ainda ser ministrada através de organizações ou serviços criados em complemento aos sistemas convencionais (aulas de arte, música e desporto ou ensino privado de preparação para exames) (Morand-Aymon 2007:11).

Por sua vez a aprendizagem informal acontece no dia-a-dia da vida das pessoas, e pode não ser intencional. A sociedade pode oferecer oportunidade variadas para esta aprendizagem informal, seja por meio de conversas entre pessoas, troca de experiências ou transmissão de valores culturais. Segundo Morand-Aymon (2004-2007), a aprendizagem informal consiste no conhecimento contínuo que ocorre na vida quotidiana não necessariamente intencional e, às vezes, não é reconhecida a forma como enriquece os conhecimentos e aptidões.

### **1.2.2. Da alfabetização à Literacia**

Ao longo das últimas décadas, a Unesco, representantes de organizações da sociedade civil, parceiros sociais e agências das Nações Unidas têm-se reunido em diferentes países do mundo, debruçando-se sobre o estudo dos resultados que se têm obtido, nas chamadas nações em desenvolvimento, sobre o tema da educação de adultos, assim como, sobre as orientações a seguir para que seja possível alfabetizar o maior número de jovens e adultos possível, rumo a um verdadeiro acesso à educação.

A UNESCO continua a sensibilizar as nações mais desenvolvidas e mais ricas, no sentido de partilharem e ajudarem as regiões menos alfabetizadas, a elevar o nível de qualificações dos seus cidadãos, começando pela alfabetização dos jovens e adultos. Pois é sabido e provado, que é através da educação, formal, não formal e informal, que os cidadãos enriquecem os seus conhecimentos e se preparam para satisfazer as suas necessidades e as da comunidade em que estão inseridas, enriquecendo assim, a sua região e o seu país. “Afirmamos que a alfabetização é o alicerce mais importante sobre o qual se deve construir aprendizagens abrangentes, inclusivas e integradas ao longo de toda a vida para todos os jovens e adultos”. (UNESCO 2010: 265). A educação é, na realidade, o veículo que leva os cidadãos a respeitar as suas condições de dignidade, tantas vezes desvalorizada, especialmente, pela ignorância e pouca formação escolar e humana dos indivíduos, que formam as comunidades, especialmente em países em vias de desenvolvimento, como é o

caso de Angola, e em particular o mundo rural, em que a mulher nem sempre é considerada com a amplitude da dignidade a que tem direito, assim como, da sua real liberdade social.

A educação de jovens e adultos permite que os indivíduos, especialmente as mulheres, possam enfrentar múltiplas crises sociais, económicas e políticas, além de mudanças climáticas. Portanto, reconhecemos o papel fundamental da aprendizagem e educação de adultos na consecução dos Objetivos de Desenvolvimento do Milénio da Educação para Todos (EPT) e da agenda das Nações Unidas pelo desenvolvimento humano, social, económico, cultural e ambiental sustentável, incluindo a igualdade de gênero (CEDAW e a Plataforma de Ação de Pequim) (UNESCO 2010: 265).

### **1.3. Literacia e seus contextos**

O conceito de literacia remete para a possibilidade desenvolvida pelos indivíduos para processar a informação escrita percebendo corretamente o que se pretende transmitir “o conceito de literacia pretende dar conta das capacidades de cada indivíduo quanto à utilização e interpretação da informação escrita”. (Ávila 2008: 1). Segundo Benavente et.al. (1995), na literacia não se procura perceber o que se aprendeu ou não, procura-se perceber a capacidade que se tem de usar os conhecimentos em certas situações da vida. Ainda a mesma, afirma que a literacia é a capacidade de processar a informação escrita na vida quotidiana. Nesta linha de pensamento e na condição que se encontra o povo do Cola no seu cômputo geral, é preciso políticas plausíveis para potenciar alfabetização e consequentemente a literacia para que o povo possa decifrar alguns assuntos relativos à leitura e à escrita como documentos simples ou receitas médicas. A literacia é muito importante no contexto do conhecimento em geral, na aquisição de conhecimentos profissionais, no desenvolvimento de competências técnicas, na saúde e, de uma maneira geral, em todas as atividades humanas, que impliquem informação e comunicação a partir de suportes escritos.

A literacia na vida profissional deve ser, tanto quanto possível estimulada, por quanto ao mundo contemporâneo, no que diz respeito ao desenvolvimento económico, é baseado na informação e no conhecimento. Neste contexto, a solicitação para o desenvolvimento das competências e para a aquisição de novas será, cada vez mais acentuada.

Os estudos feitos em Portugal, na área da sociologia e, particularmente da “literacia de adultos”, obrigam-nos a trazer à luz clara da consciência, no sentido sociológico, a verdadeira importância da literacia. Sabíamos que a História, propriamente dita, como ciência, só existe porque existiu a extraordinária invenção da escrita e, com ela, o profundo desenvolvimento da literacia, por uma elite cultural humana, os filósofos e outros pensadores, os historiadores, os escritores da prosa e, especialmente os poetas, e também os cientistas nas várias áreas.

Foram estes cidadãos que pensaram e trabalharam toda a sua vida, para deixar este legado colossal à Humanidade.

A literacia é fundamental no dia-a-dia, seja nas cartas que todos recebem para o pagamento do consumo da água e energia elétrica, seja para interpretar outros textos escritos que circulam na sociedade. Têm sido diferenciadas três dimensões de literacia que são: prosa, documental e quantitativa, esta distinção foi feita segundo Ávila (2009), e está presente em alguns estudos internacionais como é o caso de IALS, International Adult Literacy Survey. No entanto, nesta tríplice dimensão de literacia cada elemento desempenha uma função. Isto é, a literacia em prosa segundo Ávila (2009), está estritamente relacionada com o texto corrido (notícia de um jornal, um artigo de uma revista, um livro); a documental prende-se com a informação escrita de forma estruturada e organizada ao passo que a literacia quantitativa que atualmente tem a designação de numeracia realiza-se em processamento da informação quando exige operações de cálculos. Dizer que existe uma abrangência no conceito de numeracia com relação o de literacia quantitativa.

#### **1.4. Impacto da aprendizagem ao longo da vida**

A globalização obriga as empresas de todo o mundo e, a sociedade em geral, em enveredar por uma tendência de competitividade, forçando as empresas a reorganizarem-se e optarem tanto quanto possível pelas novas tecnologias e equipamentos adaptados aos diferentes objetivos industriais. Tal como nos processos evolutivos biológicos, em que os seres que não se conseguem adaptar acabam por sucumbir, também as empresas, assim como, todas as instituições têm de se atualizar, permanentemente, quer nos conceitos quer nos saberes e, essencialmente, nas competências. As instituições assim como as empresas, necessitam de cidadãos competentes, mas, acima de tudo, com competências atualizadas, pois a velocidade de produção de novas tecnologias e do conhecimento informático tem sido alucinante. Daí que a expressão de “empregos para a vida, nunca mais”. O paradigma que a formação adquirida desde a meninice, até aos diplomas do ensino superior garantiam um modo de vida, para sempre, deixou de ser real. Já há muito que se pressentia esta situação ao nível profissional, mas, em termos de sobrevivência ocupacional e profissional, a formação contínua será cada vez mais indispensável para todos os seus cidadãos, independentemente dos seus estados etários. As sociedades são altamente dinâmicas e, como tal, todos os processos de interações sociais, académicos, económicos e laborais, assim como, os conceitos de cidadania não podem ser estáticos. “A problemática da aprendizagem, ou da educação ao longo da vida atravessa não só as diferentes faixas etárias, como também, as diferentes categorias sociais”. (Ávila 2008: 238).

Os diferentes contextos temporais e espaciais vão, de certa maneira, determinar, ao nível de trabalho, o tipo de competências a adquirir e atualizar, tanto ao nível das políticas



educativas como da formação. Neste contexto, os processos de aprendizagem têm de se adaptar às novas necessidades contextuais. Neste novo paradigma de aprendizagem ao longo da vida as aprendizagens não formais, assim como as não formais e informais passam a ter uma credibilidade mais valorada, inclusive ao nível de certificação de conhecimentos. Aqui as aprendizagens informais ganham um novo relevo pois que embora não fossem completamente negligenciadas eram, no entanto, pouco consideradas e valorizadas.

Aprendizagem de adultos engloba a educação formal e continuada, a aprendizagem não formal e a gama de processos de aprendizagem informais e incidentais disponíveis numa sociedade de aprendizagem multicultural, onde as abordagens baseadas na teoria e na prática são reconhecidas (Extraído da Declaração de Hamburgo, UIE. 1997: 1).

### **1.5. O caso do analfabetismo**

O analfabetismo tem merecido muita atenção por parte de todas as nações, mais e menos desenvolvidas já que os analfabetos e iletrados têm muita dificuldade de entrar no mercado de trabalho, nos diversos setores das atividades humanas. “O conceito de analfabetismo tornou-se, portanto, mais vago e fluido, pois como afirma Veleis sabe-se que começa na escrita, mas não se sabe onde acaba” (Canário 2013: 5). Pela citação de Canário pode-se inferir que não é fácil definir com exatidão o conceito de analfabeto, dada a múltipla diversidade de situações, dado que o conceito depende dos diferentes contextos políticos, sociais e culturais onde a temporalidade também se reveste de muita importância. “A conferência geral da UNESCO de 1958, define analfabetismo como toda a pessoa incapaz de ler, escrever e compreender, uma exposição simples e breve de factos relacionados com a sua vida diária”. (Canário 2013: 50).

O conceito de analfabetismo expresso na citação acima descrita veio a ser reformulado mais tarde, onde foram acrescentadas algumas características que podem relativizar o conceito no espaço e no tempo. Assim, o conceito de analfabeto, no que diz respeito ao aspeto funcional remete para “uma pessoa que não seja capaz de realizar todas as atividades para as quais a alfabetização é necessária” (Canário 2013. 50). É evidente que, qualquer que seja a definição de analfabetismo funcional, existe sempre alguma subjetividade de interpretação da definição, já que os critérios de funcionalidade diferem, em função dos contextos culturais e sociais. Ao tomar-se como referência um relatório sobre o analfabetismo (Viehof, 1982 *apud* UNESCO 1990:134), apresentado ao parlamento europeu, tenta-se ir mais longe na explicitação e distinção entre o que é um analfabeto e um alfabetizado”.

(...) pode designar, entre outros os adultos que nunca foram escolarizados (analfabetismo instrumental), aqueles que foram escolarizados durante um período muito limitado ou os que não concluíram os estudos primários (semi-analfabetos), aqueles que se esqueceram o que aprenderam (analfabetismo secundário ou recorrente, ou os trabalhadores migrantes que não sabem ler nem escrever na língua do país de acolhimento (analfabetismo linguístico).

Analfabetismo caracterizado pela incapacidade de ler, escrever e contar, pode também juntar-se a uma forma analfabetismo dita técnica, cultural e política (Viehof, 1982 *apud* UNESCO 1990:134).

Pelo exposto, pode-se inferir que o analfabetismo é um conceito que corresponde a situações de iliteracia experimentada ou vivida por milhões de indivíduos que vivem em diferentes partes do mundo. Como se viu, não é fácil apresentar uma definição exata do conceito, pois encontram-se tantas variáveis contextuais, espaciais e temporais, que se torna muito difícil dar uma definição de caráter universal.

### **1.6- Estratégias para combater o analfabetismo**

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo a que ela se propõe (Piaget *apud* Cazalma 2014: 107).

De acordo com os estudos realizados sobre a alfabetização conclui-se que ainda existe um elevadíssimo número de analfabetos em todo o mundo. Este elevado número de analfabetos não está concentrado numa só determinada zona do planeta, mas, pelo contrário, está mais ou menos distribuído por todas as nações do mundo. É verdade que as grandes concentrações de analfabetos vivem nos chamados países do terceiro mundo, enquanto nos países industrializados os analfabetos vivem, essencialmente, nas zonas rurais e agrícolas onde existe grande deficiência de acessibilidades, assim como, nas zonas das cinturas das grandes metrópoles urbanas e industriais, onde vivem em condições muito degradadas, formando comunidades muito pobres, onde se vão juntar grupos sociais com características muito específicas, como são o caso dos migrantes e outras minorias étnicas. “Pode afirmar-se que (a geografia) do analfabetismo se apresenta como coincidente com a (geografia) da pobreza, da fome e do desemprego”. (Canário 2013: 52).

Neste sentido, existe a ideia de que o analfabetismo será consequência da pobreza e que, a sua densidade está, de certo modo, proporcionada com as manchas geográficas da pobreza. Ao apreciar o analfabetismo e as suas origens poder-se-á concluir que a pobreza pode ser a causa do analfabetismo, mas, por outro lado, o analfabetismo pode ser também causa de pobreza, estabelecendo-se assim, um ciclo fechado de pobreza e iliteracia. Face ao que acima foi descrito, interessa perceber o que tem sido e o que se pretende fazer para atenuar este flagelo de pobreza. Segundo Canário (2013), as campanhas levadas a cabo em Portugal conduziram em desacreditar dos saberes próprios das populações que se tornaram assim, ainda mais marginalizados. A razão disto foi que as campanhas de alfabetização foram conduzidas com o preconceito da ignorância dos seus destinatários.

Um programa de alfabetização só pode ser útil se elaborar um sistema de saber distintivo capaz de dar conta da experiência dos analfabetos, recorrendo a modos alternativos de produção e de validação do saber. (...) A tarefa do movimento de alfabetização é dupla: Em primeiro lugar

regenerar o saber popular presente no senso comum (...) e em segundo lugar, reconstruir a linguagem da alfabetização de maneira a que ela possa acolher e valorizar os saberes de que se reclamam os grupos «*inferiores*» (Canário 2013:54).

As estratégias de alfabetização em massa envolvem grandes recursos financeiros, elevadas capacidades didáticas e sociais e, acima de tudo, uma atitude muito séria no que concerne a equidade na distribuição dos bens e dos recursos, nunca esquecendo que um analfabeto também é possuidor da dignidade humana e cultura. Embora esta afirmação pareça sentimentalista, quando se propõe uma campanha para erradicar um problema, como é o caso do analfabetismo, deve ter-se em consideração que esta não deve ser orientada contra os analfabetos, mas sim contra as condições que estão na base da base da pobreza, exclusão social e impedem o exercício pleno da cidadania. Neste contexto, o analfabeto tem de ser encarado e entendido como ele e as suas circunstâncias sociais e pessoais.

Com base em experiências feitas nas últimas décadas, no sentido de alfabetizar, Martim (1988 *apud canário* 2013:50), define as linhas mestras de estratégias de alfabetização fundamentadas em quatro princípios de base, os quais merecem o consenso dos especialistas nesta matéria. Por se tratar de um assunto bastante complexo e longo que não cabe no âmbito deste pequeno estudo, são apresentados os respetivos princípios sistemáticos sem, contudo, serem desenvolvidos em pormenor os respetivos conteúdos. São eles: “O primeiro princípio diz respeito à funcionalidade de alfabetização. O segundo princípio consiste na valorização da participação dos destinatários dos programas de alfabetização. O terceiro princípio refere-se à inserção dos programas de alfabetização no quadro da política mais vasta. O quarto princípio o da diversificação tem como base o reconhecimento da não existência de um modelo único de alfabetização”.

Portugal também sofreu e ainda sofre, no contexto cultural, social e económico, assim como da cidadania os efeitos dos altos níveis de analfabetismo que perduraram no país durante o século XX, nomeadamente até ao 25 de Abril de 1974. Este acontecimento abriu um período (1974-1976) em que houve um grande investimento na educação, especialmente na educação de adultos. Neste processo foram determinantes a iniciativas como a da chamada educação popular a iniciativa (Melo e Benavente, 1978 *apud canário* 2013:56). Estas ações propunham-se valorizar e estimular as manifestações culturais populares, e mais serviram de base para a conceção do plano nacional de alfabetização e educação de adultos. Seguiram-se outros planos e iniciativas, mas a educação de adultos ocupou quase um lugar periférico nas políticas educativas, “o défice de qualificação de população adulta foi reconhecido pelos diferentes governos como um problema, mas nunca constituiu uma verdadeira prioridade política” (Araújo 2014:390). Ainda assim, nas últimas décadas a taxa de analfabetismo diminuiu significativamente no país sobretudo devido ao crescente alargamento da escolaridade entre a população mais jovens.

## CAPÍTULO II

### POLÍTICAS EDUCATIVAS PARA A ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS EM ANGOLA: MEDIDAS E METAS

#### **2.1. Um breve olhar sobre o contexto histórico socioeconómico, democrático e cultural de Angola**

Angola é um país que se encontra situado na costa ocidental de África, a sudoeste do continente africano. O nome de Angola foi dado pelos portugueses a partir do termo bantu “Ngola” título dado aos reis da área do Ndongo região territorial situada perto da atual capital de Angola, Luanda. “Chamaram a esta área Angola, da palavra Ngola que no idioma Kimbundu significa governante” (Correia 2009 *apud* Cazalma 2014:28). Angola fez parte dos territórios administrados pelos diferentes governos portugueses, durante vários séculos. Tornou-se uma nação independente a partir de 11 de novembro de 1975, após um longo percurso de colonização, com períodos e episódios de muito sofrimento, para o povo de Angola. Angola aprovou a sua primeira Constituição em 1975, a qual foi revista posteriormente e a segunda Constituição foi aprovada em 1978. Em 1980, foi aprovada a terceira Constituição que foi revista em 1987. Os princípios que orientam a Constituição angolana baseiam-se na formação de um Estado socialista e independente que deverá respeitar a liberdade dos povos. O processo constitucional angolano seguiu as determinações da organização da unidade africana, que respeita a soberania, rejeita a discriminação de cor ou credo religioso. Logo de princípio manifestou-se o que mais tarde se veio a considerar ser uma grande falha democrática, pois a Constituição no seu articulado não defendia os direitos de liberdades e garantias. Em 1992, a Constituição angolana já contempla o multipartidarismo abrindo assim, o caminho para o processo eleitoral que se veio a concretizar em 2008.

O regime político em Angola é presidencialista, dado que o presidente da república é simultaneamente chefe do governo, mantendo ainda alguns poderes legislativos. O povo angolano tem sido muito sofredor, esteve muitos séculos sob a égide do colonialismo vigente mas, quando se tornou independente o sofrimento ressurgiu, agora com uma intensidade desmedida, devido à luta interna promovida entre os partidos FNLA, MPLA, UNITA, que lutavam pelo comando do país, arrastando Angola para uma luta fratricida sem limites, guerra civil que se manteve desde 1975 até 2002. Esta guerra civil teve consequências muito desastrosas, no contexto social, na saúde, na economia, na educação e, de uma maneira geral em todos os setores da sociedade angolana. Durante o período da guerra civil a maior

parte da população vivia aterrorizada e na mais extrema pobreza, tinha imensas dificuldades em sobreviver. A fome instalou-se e a população assistia, diariamente à destruição das vias e dos meios de comunicação terrestre, à destruição das estruturas agrícolas, assim como, à morte e mutilação de muitos angolanos, apanhados no fogo cruzado dos beligerantes. Perante os constantes ataques, a população rural fugia das suas terras, na tentativa de evitar o terror da guerra. Como consequência, ainda hoje, as zonas rurais apresentam um povoamento muito disperso e com pouca população. A taxa de alfabetização das populações dos meios rurais é muito baixa, comparada com a taxa de alfabetização das zonas urbanas. O meio rural encontra-se despovoado, vivendo um

“estilo de vida simples, à margem das tecnologias e do mundo literato; com recurso a ferramentas tradicionais e obsoletas; atividade produtiva ligada à agricultura de subsistência e pastorícia; povoações dispersas (...) com limitadas condições básicas de vida” (Silva, 2011 *apud* Freitas 2014:11-12).

## **2.2. Medidas desenvolvidas pelo Estado Angolano**

Existem diversidades regionais nos modelos de oferta educativa no mundo. Angola sendo parte integrante do mundo e da África Subsariana segue aquilo os padrões de oferta a nível de África. Segundo a UNESCO (2010), a educação básica de adultos na África Subsariana constitui o primordial provimento de programas abrangendo cerca de (93%) das iniciativas. Ao passo que nos Estados Árabes (84%), e na América Latina do Caribe (96%), a Ásia (83%) e a Europa (89%) seguem atividades de educação profissionalizante e profissional. Assim, sendo Angola um país do Sul, centrou as suas medidas políticas de oferta de educação de adultos em programas de alfabetização, para fazer face ao analfabetismo que assola o hemisfério com um número assustador de 774 milhões de pessoas sem habilidades básicas de escrita e de leitura.

A Lei de Bases do Sistema Educativo de Angola considera que: “O subsistema de Educação de Adultos tem uma organização própria e mudou de conteúdos e de metodologias de educação e de avaliação, bem como duração e adequação às características, necessidades e aspirações dos adultos” (MEA: 5). O Ministério de Educação elaborou e implementou projetos para aumentar o índice de literacia em Angola, mas, especialmente, para o combate ao analfabetismo. De acordo com o Decreto Presidencial n.º 257/19, de 12 de Agosto, implementou-se o Plano de Revitalização da Alfabetização – PERA 2012-2017, implementou-se o Plano de Revitalização da Alfabetização – PERA 2012-2017 publicado pelo Decreto Presidencial n.º 86/12 de 16 de maio que se havia implementado para o suporte do Plano Nacional de Desenvolvimento – PND 2012-2017 foi efetuado e fez-se o balanço e avaliação. Foi notório que a “taxa geral de analfabetismo baixou significativamente para 34%. Na população adulta mais jovem, isto é, da população dos 15 aos 24 anos de idade, a taxa de

analfabetismo é ainda mais baixa, situando-se nos 24%”. Tendo em conta os resultados alcançados no quadro do novo exercício de governação para Quinquénio 2018-2022, aprovou-se o Plano de Desenvolvimento Nacional que traça linhas mestras para o combate ao analfabetismo e a redução do atraso escolar entre a população jovem e adulta, mormente para as mulheres e as meninas das zonas rurais. No entanto, ao constatar o que diz a ministra da Educação em janeiro (2020), a situação de iliteracia continua muito preocupante já que a taxa de alfabetização atualmente em Angola é de 77% da população. A ministra afirmou estar muito preocupada com a situação de alfabetização, assim como, do abandono escolar que se manifesta em todo o país, o que em nada favorece a situação muito precária do alfabetismo atual em Angola.

O “Ministério da Educação prevê reduzir a taxa de analfabetismo no país a 18 por cento até 2022”, afirmou a ministra Ana Paula Tuvanje Elias em janeiro de 2020. Com o propósito de se inverter esta situação de quase flagelo, o ministério lançou oficialmente, em setembro de 2019, um plano de ação para intensificar a alfabetização e educação dos jovens e adultos denominado “EJA- Angola 2019-2022”. Este instrumento tem como objetivo a operacionalização das políticas do governo, a fim de serem alcançados os objetivos do plano do desenvolvimento nacional (PDN 2018-2022). No que diz respeito à educação de jovens e adultos. “Segundo a ministra de Estado o que se pretende é a redução do índice de analfabetismo literal e funcional dos jovens e adultos e, especialmente das mulheres das zonas rurais”. Espera-se que com todos estes projetos o problema da literacia seja parcialmente ultrapassado, para bem dos cidadãos de Angola e da Nação no seu todo.

### **2.3. Metas alcançadas e metas por alcançar**

Todas metas traçadas pelo governo de Angola, através do seu Ministério de Educação, visam segundo o Diário da República de Angola (2019), reduzir o analfabetismo literal e funcional dos jovens e adultos com destaque para as mulheres nas zonas rurais. Desde que o país entrou numa fase de paz, a seguir ao acordo de 2002, tentou implementar muitos projetos no sentido de alfabetizar a maior parte da população. É evidente que comparando as estatísticas temporais, relativamente ao número de alfabetizados em Angola, nota-se uma evolução positiva, mas, muito lenta e muito aquém do que o Ministério de Educação esperava, depois de lançarem os diferentes projetos. Em face aos fracos resultados obtidos, o Ministério implementou um outro projeto, chamado (PEPRA), Plano Estratégico para Revitalização da Alfabetização, programa cuja duração de execução seria (2012-2017) e de aplicação em todo o território angolano. Relativamente às metas alcançadas há que salientar, segundo o Ministério da Educação, o aumento das taxas de escolarização, o alargamento da 4ª para 6ª classe que constitui (Unificado Obrigatório). O aumento da carga letiva anual da 1ª à 6ª classe, assim como, a introdução de novas disciplinas e introdução de línguas nacionais. De acordo

com o projeto, a estrutura do Ensino Primário tem 3 níveis ou ciclos de aprendizagem. O 1º ciclo do Ensino Secundário abrange três classes, 7º, 8º e 9º anos. O 2º ciclo do Ensino Secundário sofreu a extensão de dois para quatro cursos denominados Áreas de Conhecimento, sendo que cada área é formada por três componentes; geral, específica e opções. Também foi criada a Formação Média Técnica que tende a preparar os alunos para a vida ativa especializada, que não exija formação superior. Este ensino é ministrado nas escolas técnicas públicas e privadas. A formação de professores também foi acautelada. Segundo Zau (2012), o Ministério de Educação, através do seu Instituto Nacional de Formação de Quadros (INFQ) elaborou em 2007 um Plano Mestre de Formação de Professores (PMFP), “tendo em conta os grandes desafios de uma educação de qualidades para todos” (Cazalma 2014:75). Segundo o Diário da República (2019), O governo angolano procura garantir até 2022 que as instituições públicas e privadas não tenham funcionários iletrados e com escolaridade inferior ao Ensino Primário. É interessante verificar esta evolução no Sistema Educativo de Angola, ao nível do projeto, mas, a implementação no terreno de todos estes avanços plasmados na legislação educacional só será possível com “(...) a existência de professores dedicados e comprometidos faz a diferença na vida dos seus alunos e das suas comunidades, pela sua capacidade de proporcionarem oportunidades de aprendizagem importantes e relevantes” (UNESCO, 2004). Portanto, segundo a UNESCO (2010), o investimento na formação de bons professores, também se reveste de importância capital para o sucesso da reforma educativa.

Segundo o Diário da República de Angola (2019), define uma tríplice meta por alcançar:

- 1- Atingir pelo menos 82,8% até 2022 da taxa de alfabetização de jovens e adultos sobretudo os maiores de 14 anos para permitir a redução dos índices de analfabetismo para 17,2%.;
- 2- No Ensino Primário de Adultos diminuir o índice de alunos com atraso escolar no Subsistema do Ensino Primário, de 27,2% para 17,6% em 2022;
- 3 – No Ensino Secundário prevê-se generalizar o Ensino Secundário de Adultos a todo território nacional para a redução do atraso escolar de 42% para 28,8% em 2022.

#### **2.4. Educação no meio rural em Angola**

A educação no meio rural angolano tem-se vindo a desenvolver articulando a educação escolar oficial e a educação própria das diferentes comunidades rurais, para que os seus costumes locais continuem a ser preservados. É verdade que os verdadeiros guardiões da cultura tradicional de Angola, para o bem e para o mal, são os povos que vivem nas zonas rurais, onde existe um grande respeito pela chamada ETA, (Educação Tradicional de Angola). É importante conseguir-se encontrar meios educacionais que, na prática, consigam conciliar o processo educativo moderno, salvaguardando os direitos de cidadania e a igualdade de género, com a educação tradicional dos meios rural, em que as perspetivas culturais nem sempre têm em conta a dignidade humana, especialmente das mulheres. A Lei de Bases do

sistema educativo de Angola apela à escolarização de todas as crianças em idade escolar e, pretende também, reduzir o analfabetismo dos jovens e adultos, promovendo a igualdade de género, eliminando assim o fosso que ainda existe relativamente às desigualdades de género.

Numa fase de grande desenvolvimento do sistema escolar, (...) a expansão da doutrina da modernização pela qualificação dos recursos humanos, transforma a questão do ensino recorrente, para adultos ativos e a da formação pós-escolar de trabalhadores, em eixos centrais da convergência das políticas educativas e de mão-de-obra". (Silva 1990 *apud* Aníbal 2010:180).

O índice de pobreza nas zonas rurais de Angola é muito elevado, onde as mulheres e as crianças são as mais afetadas. Na cultura tradicional destas zonas compete à mulher realizar as tarefas mais pesadas, desde o transporte da água à recolha da lenha, ao trabalho nas hortas, cozinhar, cuidar dos filhos, do marido e da casa, tarefas que todos os dias esgotam física e psicologicamente as mulheres. Estudos da UNICEF revelam que as mulheres dos países subdesenvolvidos têm enormes probabilidades em morrer de parto ou por complicações durante a gestação. Os poucos recursos financeiros dos povos que habitam os meios rurais, a sua dispersão e o facto de viverem longe das escolas mais próximas, assim como, os conceitos negativos que as famílias percecionaram relativamente à escola e aos seus objetivos, tornam muito difícil o acesso à escola, tanto das crianças como dos jovens adultos. As crianças, principalmente as meninas, não são incentivadas a frequentar as escolas porque os pais, principalmente as mães, sentem falta delas em casa para as ajudar nas suas tarefas domésticas. Desta maneira, as mulheres ficam muito limitadas fisicamente às suas casas e à família, sendo muito socializadas na preservação dos seus valores culturais tradicionais que na perspetiva de igualdade de géneros são muito discriminatórios. As meninas são socialmente formatadas, pelas suas culturas, para serem donas de casa e procriarem. As mulheres são as mais afetadas na questão da baixa escolaridade e, nestas situações, segundo Arsénio (1993 *apud* Duarte 1997:20), o baixo nível de alfabetização ou o analfabetismo provoca um baixo nível de autoestima, desvalorizando o seu papel social, assim como, dos muitos saberes que as mulheres são capazes de transmitir às jovens e à sociedade. Contudo, o analfabetismo feminino é 1,5 vezes mais elevado do que no sexo masculino.

A formação social tradicional das crianças e jovens é orientada no sentido da manutenção dos seus usos e costumes, assim como, na manutenção das suas crenças tradicionais. Neste contexto, a formação dos jovens e adultos do mundo rural é orientada no sentido de continuarem a viver com os seus familiares, assim como, no meio do seu povo, fazendo parte dele. Neste aspeto as mulheres são as figuras mais importantes no processo educativo e da socialização na vida comunitária e na sua casa. "A mulher é a agricultora – mãe – esposa – dona de casa – doadora de sangue – linhagem" (Altuna 1993: 165 e 256). Apesar de todas as dificuldades, o Ministério de Educação de Angola tem desenvolvido muitos esforços para



expandir o principal objetivo da sua política educativa que é o acesso universal à escola, o que, de certa maneira, tem conseguido desde que o país entrou em paz. No entanto, no processo de escolarização global os meios rurais estão muito desfavorecidos. Por um lado, por se encontrarem longe dos poderes de decisão, onde muitos decisores desconhecem, em toda a sua extensão, a penosa vida das gentes do interior e dos seus problemas quotidianos. Por outro lado, existe uma grande escassez de investimento em infraestruturas, além de estradas, também em escolas e unidades de saúde. Nestas populações dispersas pelo interior do país, a influência da educação escolar, oferecida pelo Estado, é desvalorizada relativamente à supremacia da educação tradicional, que para essas comunidades, é de aplicação e vivência imediata.

### **2.5.1. Educação de adultos no meio rural de Caluquembe**

O Cola como lugar de pesquisa de terreno (estudo de caso), situa-se na Província da Huíla-Caluquembe na comuna do Calepi. Está localizada a Oeste da Comuna sede Sandula - Caluquembe, com uma superfície total de 851 km<sup>2</sup> e dista a 31 km da Comuna Sede Sandula - Caluquembe., banhada por um pequeno rio a norte, e uma serra a sul ou sudoeste. É nesta comuna que se situa a Missão Católica do Cola, que tem dado passos significativos para alfabetização de adultos. Tem clima temperado e tropical (misto) com probabilidade de grandes precipitações e bons rendimentos na produção agrícola. Os seus solos são fortes, o que dá para uma agricultura autossustentável, familiar e não só, também a industrialização, isto é, no caso de cultivos de Trigo, Arroz, Café, Milho, Feijão, Soja, Batata rena e Doce, Mandioca, Cana-de-açúcar, Banana, Mangas, Goiaba e outros. Segundo Administração Comunal do Calepi, na pessoa da Administradora Noémia a afirma que atualmente a comuna tem 44.586 mil habitantes, numa superfície de 851 km<sup>2</sup>, distribuídos em seis (6) povoações e 104 aldeias respetivamente, razão de 52.4 habitantes por km<sup>2</sup>.

A educação de adultos de Caluquembe no meio rural, tem sido um trabalho muito árduo. Com o surgimento da alfabetização de adultos como projeto do combate ao analfabetismo em 2007 a nível do município de Caluquembe- Província da Huíla, foram constituídas várias turmas em quase todas aldeias da área com finalidade de reduzir o analfabetismo no seio das famílias porque segundo Duarte *et al.* (1997), o analfabetismo, por si só, tem um grande poder de exclusão social, mormente no que se refere as mulheres e isto cria um grande impedimento face à evolução naquilo que são as exigências do mercado do trabalho. No entanto, Administração comunal do Calepi abraçou a causa em consonância com Administração Municipal com muito entusiasmo e muita força. Com o desenrolar dos tempos, o projeto em causa foi perdendo paulatinamente o seu vigor devido ao acesso que é difícil em termos de estradas de modo a facilitar aquisição de meios para o efeito (cadernos, livros, quadros e outros).

O projeto de alfabetização de adultos apesar da escassez do material e também muitas vezes dos professores continua a existir e proporciona uma nova conceção relativamente com aos assuntos que se prendem com a vida do dia-a-dia. Salienta-se que desde que o projeto de alfabetização tomou o seu rumo, muitos e muitas já são capazes de ler e escrever e fazer contas simples. Normalmente, começam por aprender os seus próprios nomes, devido o imperativo das assinaturas que são exigidas em determinados documentos ou quando requiere apadrinhar alguém. Segundo Barreto (2016), a existência das escolas, além de ser essencial instrumento de inclusão educativa nas comunidades rurais também está a promover a cultura de participação social.

A faixa etária dos que aderem a alfabetização na fase adulta é compreendida entre 30 e 65 anos de idade. Pela constatação feita, as pessoas que mais participam no projeto de alfabetização são as mulheres que na sua infância por causa do conflito armado e situações de vária ordem, não tiveram oportunidade de estudar. Os homens aparecem de maneira ínfima. O governo angolano desde sempre considerou a Igreja Católica, como seu parceiro para a promoção da pessoa humana e do combate ao analfabetismo. Nesta senda, a Escola Missionária do Cola, abraçou a causa com um projeto paralelo de alfabetizar os adultos e por falta de estruturas para o efeito, usam-se muitas vezes as capelas religiosas. Os professores eram na sua maioria voluntários e que ensinavam a custo zero e outros eram provenientes da Direção Municipal da Educação.

### **2.5.2. O papel da Igrejas (Católica e Protestante) no processo da educação em zonas rurais.**

“A educação, enquanto pedra basilar nos processos económicos e na reconfiguração das estruturas sociais” (Martins 2012:2), colocou a Igreja a desempenhar um papel preponderante no ensino em Angola. Os primeiros passos do ensino em Angola foram dados pela Igreja. Na sua missão de evangelizar os Católicos e Protestantes não colocaram de parte a tarefa de ensinar, pois que, o evangelho visa salvar o homem todo (somático e espiritual). “Os missionários líbios, dominicanos, franciscanos, seculares e, a partir de 1548, os Jesuítas foram os protagonistas desta ação cultural e evangelizadora” (Ngaba 2017:117). Reza a história que até ao início do séc. XVIII, segundo (Santos 2000 *apud* Ngaba 2017:118), a responsabilidade formativa eclesiástica, assistência social, ensino especializado técnico-científico estava sob a custódia da Igreja, mormente os Jesuítas. No entanto, salienta-se que em “1514, na região do Kongo (atual norte de Angola), os missionários Católicos já tinham fundados várias escolas primárias. Em 1607 surgiu o primeiro colégio em Luanda. Estava ligado à companhia de Jesus” (Zau 2000 *apud* Ngaba 2017: 118). É nesta perspetiva que se aborda a relevância que a Igreja tem no novo desafio da alfabetização de adultos e da sua relação com a literacia. Assim sendo, a Missão do Cola fundada a 1 de janeiro de 1952, não só evangeliza, mas

também tem as suas ações no campo social, criando internatos (feminino e masculino) e a mesmo tempo promovendo aulas de alfabetização de adultos com mais intensidade a partir de 2007 em consonância com as políticas educativas do Governo de Angola.

No passado recente, quando as pessoas falavam de missões, o que eles tinham em mente eram as escolas das missões. Igualmente, para muitos missionários, as escolas das missões eram as instituições mais importantes. (...) as escolas podiam bem ser usadas como o barómetro de África (Baur 1994:439). É de carácter muito importante sublinhar o trabalho valioso desenvolvido pelos Jesuítas. No momento difícil da evangelização deram-se conta que era muito importante ensinar o africano ler, escrever e contar para que entendam melhor o conteúdo do evangelho e conseqüentemente façam a conversão de forma livre e consciente.

As missões protestantes têm um grande destaque também no campo educativo de Angola. Apercebendo-se da situação crítica da falta de quadros que tivessem ensino superior para fazer face ao desenvolvimento sustentável de África de modo peculiar de Angola, desencadearam um processo de envio de alguns angolanos para o exterior do país com finalidade de adquirir conhecimentos superiores. Assim sendo, a sua “importância advém do fato proporcionado aos angolanos (sobretudo negros) para a realização da formação superior” (Henderson 1990 *apud* Liberato 2012:13).

## **2.6. Constrangimentos ao processo de alfabetização de Adultos no meio rural**

A alfabetização dos Adultos no meio rural, apresenta muitos constrangimentos, principalmente pela supremacia da tradição, assim como, a manutenção dos valores culturais. Segundo Iturra (1990), existe um forte embate cultural entre as sabedorias influentes difundidas pela escola e as sabedorias populares oralmente exteriorizadas pelas crianças do meio rural. Para Iturra (1990), o insucesso no tirocínio da vida escolar e na sua trajetória é manifestada como uma das principais conseqüências dessa imposição cultural. “Reconhece-se que existe em cada contexto nacional um conflito específico de interesses entre grupos sociais (...). Esta assenta em tradições e culturas históricas diferenciadas” (Azevedo 2007:107). Os jovens adultos, que vivem em determinadas comunidades rurais, influenciados por outros jovens alfabetizados, e que já tiveram acesso ao mercado de trabalho, nos meios urbanos, já consideram a escolaridade como um meio útil para uma possível deslocação do meio rural e, tal como muitos outros, uma aventura para os meios urbanos. Pelo exposto, os jovens sabem que para atingir esta ambição terão de ser alfabetizados e, por isso, já conseguem vislumbrar a utilidade da escolarização que, até aqui, não achavam indispensável para viver nas suas comunidades. A educação promovida pelo Estado insiste em ensinar os valores associados à cidadania democrática com projeção e interesse nacional, além da literacia.

No meio rural a educação escolar estatal ainda não encontrou, eficazmente, pontos de convergência abrangentes, com as práticas educativas não escolares que possam, de alguma maneira, ter interesse nas vidas comunitárias locais, numa relação de entendimento com a tradição. Segundo Pinto (1985), a escola é muito importante porque ela cria situações de progresso dos elementos culturais indispensáveis à criação da relação salarial que sustem a produção capitalista. Pinto (1985), afirma que a escola ajuda o acesso dos filhos dos labutadores rurais à condição de operários. O mundo rural é muito pobre e simples, mas onde as necessidades da população são satisfeitas, de acordo com o seu mundo e exigências do quotidiano, vivendo em sintonia com a natureza, deixando poucas pegadas ecológicas negativas. Já a colonização, através da assimilação, tentou impor o seu modo de vida aos povos colonizados de África, onde Angola não foi exceção. No entanto, o conhecimento e as culturas tradicionais continuaram a ser transmitidas às gerações mais novas através dos rituais de iniciação e todos os outros procedimentos de natureza tradicional.

A colonização tentou descaracterizar as culturas tradicionais nos diferentes países africanos, mas, a independência de alguns desses países, incluindo Angola, teve como base ideologias marxistas que no impulso de forçar os povos a seguirem as suas ideologias, combateram de uma maneira forçada os valores culturais tradicionais, por terem entendido que as suas práticas eram retrógradas e antirrevolucionárias. Finalmente, o governo de Angola reconheceu a importância das culturas tradicionais, vindo a adotar políticas que pretende o resgate do grande tesouro da riqueza cultural que as aldeias ainda conservam. A alfabetização de adultos no meio rural tem, finalmente, de ter sucesso relativo, entendendo por alfabetização, não só o saber ler, escrever e contar mas, também a socialização, segundo Duarte (1997), o mal-estar decorrente do alargamento das franjas em situação de exclusão social impõe rever alguns objetivos e estratégias de desenvolvimento e o respeito pelos valores democráticos e de cidadania; deve ter sucesso ao longo do tempo, pois que os processos educativos integram a promoção das tradições culturais locais e regionais, que certamente serão do agrado de todos, inclusive dos mais velhos. Contudo, no que diz respeito à escolarização das raparigas, o processo será muito mais demorado, já que, os valores culturais tradicionais, principalmente ao nível das comunidades locais, não contemplam muito tempo à escolarização das meninas, pois a preparação para o casamento e a maternidade continua a ser a prioridade, assim como, a sua relação privilegiada com a casa e a vida doméstica.

## **2.7. Avanços e Retrocessos da Educação em Angola**

As grandes dificuldades sentidas em Angola, durante o terrível período em que se desenrolou a guerra civil, tiveram um efeito muito nocivo no desenvolvimento das políticas educativas. As reformas introduzidas no sistema educativo de Angola, tanto ao nível básico

como ao nível superior, foram bastante ambiciosas, relativamente aos objetivos propostos. A sua aplicação, no aspeto prático, é bastante difícil, atendendo à especificidade cultural dos seus cidadãos, às feridas sociais da guerra que ainda estão longe de serem completamente sanadas. O contexto político e a falta de equidade na distribuição, da enorme riqueza de Angola, tiveram e têm muita influência, na exequibilidade dos programas incluídos nas respetivas reformas.

Os investimentos reais na educação de adultos ficaram muito aquém do que seria necessário para o desenvolvimento dos projetos considerados. Os meios financeiros alocados para a formação de professores têm sido manifestamente insuficientes para as necessidades reais do país, principalmente, no que diz respeito ao mundo rural. Nestas zonas ainda existem muitos cidadãos a dar aulas, com um nível de escolaridade ao nível da 4ª classe, ou seja, o 1º ciclo do ensino básico e, até estes deixam muitas vezes de ensinar, por falta de remuneração por parte da entidade empregadora que, neste caso, é o próprio Estado, deixando assim, os alunos sem aulas, durante longos períodos, uma vez que não têm professores. Neste trabalho referimo-nos, essencialmente ao ensino básico, pois este era e ainda é, um dos grandes objetivos da educação/instrução em Angola, alfabetização e educação de adultos. Enquanto o governo de Angola, além de outras variáveis a considerar no processo educativo, não acautelar a construção de infraestruturas, providenciar material escolar, formar professores em número proporcional à população que pretende alfabetizar, pagando-lhes aquilo a que têm direito, e em tempo oportuno, nunca haverá êxito em qualquer reforma que tente fazer. E assim, a pobreza aumenta “especificamente as pessoas que apresentam desvantagens noutros aspetos das suas vidas apresentam maiores hipóteses de serem pobres” (Giddens 2013:550).

## CAPÍTULO III

### METODOLOGIA DO ESTUDO

#### **3.1. Objeto de estudo, objetivos da pesquisa e modelo de análise**

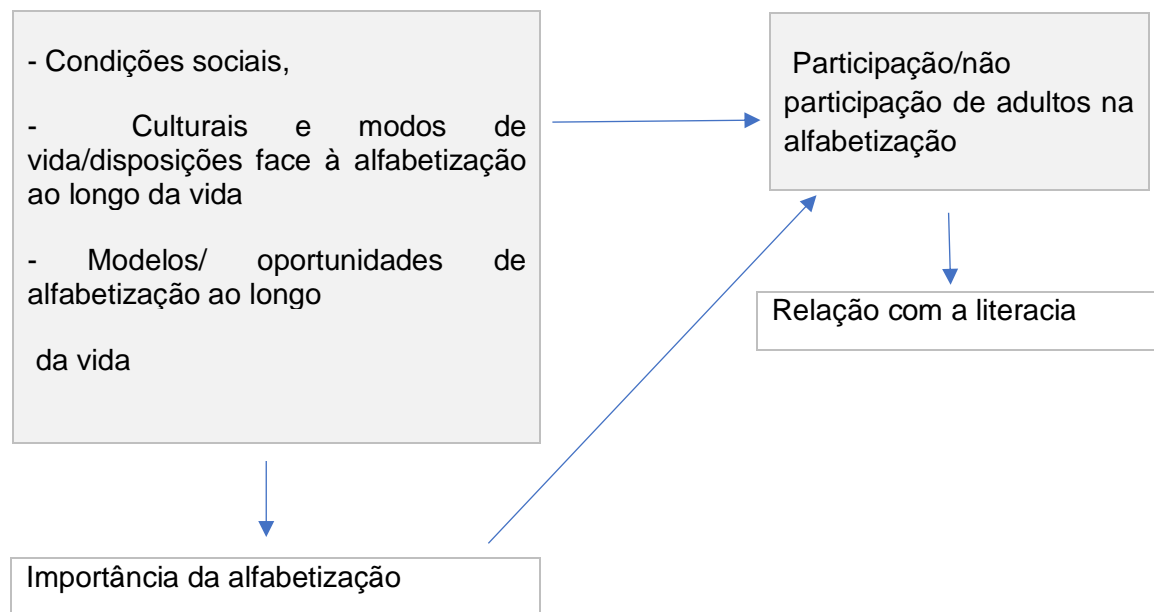
O objeto de estudo que se propõe tratar tem o seu centro na constatação de uma realidade do dia-a-dia que envolve os adultos não alfabetizados, na zona rural do Cola. Esta realidade consiste na fraca participação de pessoas analfabetas no processo da sua formação ao longo da vida. Tendo decorrido um projeto de alfabetização de adultos na área do Cola, desenvolvido pela Missão católica do Cola, constatou-se que o mesmo não teve muita participação. Assim, urge a necessidade de fazer um estudo mais aprofundado do caso. O estudo é dirigido à população adulta, particularmente àqueles que, por razões alheias a sua vontade, não tiveram oportunidade de ter, pelo menos, a escolaridade que a constituição do país consagra como obrigatória. Como foi aludido na introdução, o presente trabalho, procura saber qual é a relação dos adultos do mundo rural com a alfabetização e aprendizagem ao longo da vida.

O foco da questão consiste em perceber:

- De que modo percecionam a importância da alfabetização e da literacia para a sua vida pessoal, social e profissional e ainda para a família;
- Perceber se têm participado em processos de alfabetização (na vida adulta) e, se não participam, procurar-se-á saber o porquê.

Basicamente esta é a questão que constitui o horizonte do trabalho presente que se pode refletir em modelo de análise com suporte da metodologia e técnicas adequadas. Segundo Sousa (2014), o modelo de análise é sempre referente ao esquema teórico que representa um fenómeno ou conjunto de fenómenos. É uma representação da realidade que é foco de investigação.

**Figura 1. Modelo de análise**



As condições sociais, culturais e modos de vida/disposições, jogam um papel muito relevante na participação de adultos na alfabetização ao longo da vida. Por isso, esses elementos aludidos influenciam na importância da alfabetização e consequentemente garantem participação. A precariedade das condições sociais e a falta de harmonização, ou seja, diálogo com aspetos culturais e modos de vida/disposições influenciam a não participação dos adultos na alfabetização, mesmo que estes estejam conscientes do valor da alfabetização ao longo da vida. Os participantes que se alfabetizam na idade adulta são sensibilizados pela Igreja, pelos filhos ou por outras pessoas um pouco letradas. Os que participam melhoram um pouco a sua relação com a literacia e para os que não participam, apoiam-se nos outros alfabetizados. Desta forma, não conseguem ajudar os seus filhos na resolução das tarefas escolares. Os modelos de oferta educativa implementados para alfabetização ao longo da vida deparam-se com incompatibilidade do mundo rural.

### **3.2. Metodologia**

O tipo de investigação enquadra-se num Estudo de Caso. Segundo Sousa (2011), os Estudos de Caso visam a exploração de um fenómeno, que se limita no tempo e na ação onde o investigador recolhe informações detalhadas de uma entidade definida e bem localizada, um caso que é único, específico, diferente e complexo. É um estudo intensivo e detalhado. Este Estudo de Caso foi desenvolvido na área da Missão Católica do Cola, na Arquidiocese do Lubango, no município de Caluquembe. O objetivo específico da investigação é averiguar como os adultos percecionam a alfabetização. Como é sabido, “o método da pesquisa de

terreno supõe, genericamente, presença prolongada do investigador nos contextos sociais em estudo e contato direto com as pessoas e as situações”. (Costa 2014:129).

A pesquisa qualitativa admite perceber a maneira como os sujeitos “estruturam o mundo social em que vivem” (Psathas 1994 *apud* Seabra 2016:62). Na estratégia de recolha de dados utilizou-se a entrevista, que segundo Quivy (1998 *apud* Luinda 2015:25), é prática que se inscreve na pesquisa qualitativa, por consentir maior interação, uma ocasião de comunicação aberta, e recolha de informação pormenorizada entre as duas partes (entrevistador e entrevistado). -A entrevista semidiretiva, segundo Sousa (2014), consiste num conjunto de tópicos, um guião com perguntas a tratar na entrevista. Tem alguma liberdade, mas é uma liberdade que não admite ao entrevistado fugir muito do tema. Recorreu-se a esta técnica, porque “as entrevistas visam um objetivo específico: o de chegar a compreensão de uma certa realidade, de um certo fenómeno, sendo esta intenção a do investigador” (Pauzé 1984 *apud* Gauthier 203:280).

Para o levantamento de dados, foram utilizadas entrevistas que serviram como trampolim no sentido de catapultar o objetivo principal de analisar a percepção que os adultos têm face à alfabetização e sua relação com a literacia. Desta feita, utilizou-se um guião (ver anexo II) que em termos gerais, incidiu sobre os temas da percepção do papel que alfabetização desempenha nas múltiplas dimensões da vida (pessoal, profissional, familiar) e perceber as barreiras que constituem empecilho nas ações de alfabetização, mormente na zona rural do Cola e destacou também a questão da situação do analfabetismo se constitui um problema na vida adulta ou não. O mesmo procurou colocar um dos temas que se prende com um olhar sobre a posição da Direção da Escola Missionária, Formadores Direção Municipal da Educação de Caluquembe face ao analfabetismo. Com este tema, o escopo do mesmo, tem a sua incidência na busca do parecer sobre a questão de alfabetização de adultos, sobretudo em perceber a estratégia da Direção Municipal da Educação para minimizar o analfabetismo na idade adulta. O guião apresenta 20 questões de forma semidiretiva divididas em duas dimensões.

Para a concretização das entrevistas foi preciso fazer um agendamento que permitisse a realização das mesmas. Foram 20 entrevistas dirigidas a pessoas adultas. As entrevistas foram personalizadas com o tempo compreendido, para cada uma, entre os 37 a 40 minutos no máximo, e foram realizadas nas diversas localidades (aldeias) e em horas diferentes. Usou-se a estratégia de gravação em registo áudio. Assim sendo, para o sucesso das entrevistas o pessoal-alvo foi avisado com um mês de antecedência e a escolha do mesmo, obedeceu a proximidade que se tem com o pessoal e do conhecimento que se tinha sobre o mesmo, na participação ou não, em ações de alfabetização. E isto, permitiu a capacidade de se estar à vontade na colocação das questões. Os contactos foram feitos pelo Pároco e Superior da Missão do Cola antes da nossa chegada no terreno que na sua disponibilidade



solicitou o pessoal para o efeito e este foi contactado pela via telefónica. E para as direções (Escola Missionária do Cola, Direção Municipal da Educação e Formadores), fez-se um documento de pedido para as devidas entrevistas. As entrevistas na sua maioria ocorreram no recinto da igreja e as outras, foi preciso trilhar alguns caminhos tortuosos para se chegar aos visados nas aldeias e estas entrevistas foram realizadas nas suas próprias casas. E para as direções aludidas, as entrevistas foram feitas nos seus próprios gabinetes. Foram necessários 48 dias de trabalho de entrevistas, tendo o seu início no mês de janeiro e o seu fim no mês de fevereiro.

Foram realizadas entrevistas semidiretivas a adultos não alfabetizados (10) e a, adultos recém alfabetizados (na idade adulta, no âmbito dos processos desenvolvidos no quadro da Missão Católica do Cola) (5). Foram ainda realizadas entrevistas complementares a formadores (4), corpo diretivo da Escola Missionária do Cola (1), Direção Municipal da Educação de Caluquembe (1). Também foi desenvolvida Observação Participante, enquanto “(...) técnica de investigação qualitativa adequada ao investigador que pretende compreender, num dado meio social, um fenómeno que lhe é exterior e que lhe vai permitir integrar-se nas atividades/vivências das pessoas que nele vivem, realizando desta forma o trabalho de campo” (Sousa 2014:89). “A observação participante implica, pois, que o observador se misture, mais ou menos, na vida do grupo, que se insira nas suas atividades. (...) pode ir até uma permanência de meses e anos junto do grupo”. (Fernandes 1994:117).

Para o efeito, o autor desta dissertação esteve 48 dias no terreno, conversando com o público-alvo, no sentido de se perceber de toda extensão da problemática em questão, assim como, criar um clima de confiança para as pessoas pudessem responder aos inquéritos, sem muitas reservas.

No percurso da pesquisa presente, houve muitas dificuldades relacionadas com a deslocação para a área de entrevistas (Cola-Angola). O acesso foi muito difícil por causa do mau estado da via. Outro obstáculo consistiu em passar por aldeias que na sua maioria possuem caminhos tortuosos e ainda, na mesma senda, salienta-se a questão de pedir a pessoa visada para conceder um tempo de entrevistas e, neste contexto foi muito difícil devido as suas ocupações (trabalho agrícola). Entretanto, por ser uma pessoa conhecida como - professor que por longos anos trabalhou na escola missionária do Cola e como missionário (sacerdote), que assistiu o povo da Missão do Cola nas suas várias aldeias, foi possível superar essas barreiras, atendendo à amizade de pastor e confiança.

### **3.3. Caracterização dos entrevistados**

A tabela seguinte procura sistematizar os principais elementos de caracterização dos adultos entrevistados (idade, sexo, estado civil, profissão, filhos, participante ou não em ações de alfabetização). Relativamente a idade, maior parte dos inquiridos, sabe as suas idades. E

estas idades são compreendidas entre os vinte e nove e os sessenta e três anos. Quanto ao sexo, dos entrevistados dez são do feminino e cinco do masculino. No que tange ao estado civil, sete são solteiros e oito são casados. No que diz respeito às profissões, onze trabalham na agricultura, as quatro que não trabalham na agricultura ainda que às vezes o façam, a primeira é lavadeira, a segunda é doméstica, a terceira é cozinheira e a quarta é de limpeza. No que se refere aos filhos, dos entrevistados maior parte tem filhos, o número varia entre os três a dez filhos. No tocante a participação em ações de alfabetização, dez não participam e muito deles nunca frequentaram a escola enquanto criança e alguns que frequentaram foi por pouco tempo, não conseguindo aprender a ler e a escrever. E em contrapartida cinco participam porque sentiram a necessidade de aprender a ler e a escrever.

Quadro 1- Caracterização dos entrevistados

<b>Nº</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Estado civil</b>	<b>Profissão</b>	<b>Filhos</b>	<b>Participante/ não na alfabetização de adultos</b>
1	50	Masculino	Solteiro	Trabalho agrícola	3	Não participante
2	Não sabe	Feminino	Casada	Trabalho agrícola	10	Não participante
3	50	Feminino	Casada	Trabalho agrícola	4	Não participante
4	Não sabe	Feminino	Solteira	Trabalho agrícola	0	Não participante
5	52	Masculino	Solteiro	Trabalho agrícola	8	Não participante
6	63	Feminino	Solteira	Lavadeira	10	Não participante
7	42	Feminino	Solteira	Trabalho agrícola	7	Não participante
8	Não sabe	Feminino	Solteira	Trabalho agrícola	9	Não participante
9	48	Masculino	Casado	Trabalho agrícola	6	Não participante
10	29	Feminino	Casada	Trabalho agrícola	2	Não participante
11	52	Feminino	Casada	Doméstica	7	Participante
12	43	Feminino	Solteira	Cozinheira	4	Participante
13	46	Masculino	Casado	Trabalho agrícola	6	Participante
14	62	Feminino	Casada	Limpeza	7	Participante
15	53	Masculino	Casado	Trabalho agrícola	8	Participante

## CAPÍTULO IV

### ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

#### 4.1. Infância e escola (ou a ausência da escola durante a infância)

Um dos principais motivos do elevado índice de analfabetismo, mormente nas zonas rurais de Angola no cômputo geral e no caso particular de Caluquembe-Cola foi a questão da guerra civil que assolou o país por muitos anos. Foi, por isso, que muita gente não teve ensejo, nem possibilidade, de frequentar o ensino básico. Foi esta guerra, que fez parte da História de Angola, que lançou as raízes profundas da pobreza absoluta e, também, da pobreza intelectual. Esta, e outras razões surgem bem patentes no discurso dos entrevistados.

Muitos entrevistados afirmam que o problema que atravessam do analfabetismo é fruto de não frequentarem a escola ou de o fazerem por um reduzido período devido a situação financeira familiar. O analfabetismo advém de diferentes fatores que se interligam, como é o caso da economia precária da família, pouco estímulo de sensibilização relativamente a leitura e escrita. Por isso, o analfabetismo é percebido como “um fenómeno com raízes sociais, culturais e políticas (...), apresentando-se como consequências de determinados contextos que ultrapassam a esfera individual” (Cavaco 2018:372).

(...) não aprendi a ler e a escrever porque fiquei pouco tempo na escola, os meus pais não me podiam ajudar por causa da falta de condições financeiras (Afonso, 50 anos).

As entrevistas realizadas possibilitaram perceber dois fatores que foram obstáculos na aprendizagem ao longo da vida relativamente aos adultos, que são a falta de oportunidade de acesso à escola provocada pelo conflito armado e a pobreza também, ela fruto das consequências da guerra e da má gestão dos recursos naturais e humanos. “É uma pobreza produzida e reproduzida por forças estruturais da sociedade” (Giddens 2013:554). E isto, provocou uma exclusão social das famílias vulneráveis sobretudo em zonas rurais. No entanto, a “pobreza transforma-se em exclusão quando o nível de recursos é muito baixo para que o indivíduo ou a família participe realmente na vida social” (Étienne 2008:177). As pessoas atingidas com o fenómeno do analfabetismo são na sua maioria as mulheres, que também em parte foram penalizadas, porque, a sua cultura tradicional recomendava que as mulheres deviam tomar conta dos trabalhos domésticos e familiares. Deste modo, as mulheres, que normalmente incentivam e ajudam os filhos nas suas tarefas escolares, viram-se privadas de um instrumento importantíssimo para educação dos seus filhos, que é a literacia.

Os inquiridos na sua maioria afirmam que na sua infância nunca frequentaram a escola devido à guerra e à grande pobreza e, alguns, que frequentaram, mas por pouco tempo, não conseguindo aprender a ler e a escrever. Foram essas razões que interromperam o futuro

melhor dos entrevistados provocando consequências nefastas no mudo rural (Caluquembe-Cola).

(...) a guerra impediu-me a estudar, se não fosse essa situação hoje seria alguém prestável na sociedade, daria o meu melhor na busca do desenvolvimento do país e do nosso Caluquembe-Cola (Inês, 42 anos).

De salientar que as aldeias eram palco de grandes combates de guerra fratricida. Para dizer que era muito difícil estudar nas localidades rurais, dada a situação de guerra que se impunha, ao passo que, em zonas urbanas havia escolas estáveis. Muitos preocupavam-se mais com o trabalho agrícola para mitigar a fome e colocava-se de parte a questão dos estudos. Os pais eram demasiado pobres, não os podiam ajudar, e os filhos começaram a trabalhar muito novos para ajudar os pais e os irmãos mais novos. Tal situação desembocou no analfabetismo.

(...) os meus pais não tinham condições que possibilitassem ir à escola estudar, tal é assim, que comecei a trabalhar muito cedo, ajudando os meus pais no trabalho agrícola. Queria tanto estudar, mas não tinha como fazê-lo. A situação da pobreza fez com que não tivesse estudo e como consequência passo à vida a trabalhar a terra e os outros que tiveram oportunidade de estudar, atualmente estão bem posicionados na sociedade (Teresa, 62 anos).

Havia escolas na zona rural do Cola, mas as oportunidades de ingresso nas mesmas, dependiam da capacidade financeira de cada família. Muitos responderam que têm na família algumas pessoas alfabetizadas e poucos que não têm qualquer elemento. Muitos pais manifestam a opinião segundo a qual, a escola constitui um fator muito importante em todas as dimensões da vida, mas alguns (poucos) dizem ser indiferentes porque para o trabalho agrícola não interessa saber ler ou escrever, o que interessa é o trabalho.

#### **4.2. A vida adulta em Caluquembe-Cola: relação com a literacia**

A população das zonas rurais é caracterizada, essencialmente, pela ligação à agricultura e à criação de animais. Muitos adultos não manifestam desejo de aprender ao longo da vida e consideram que, por serem adultos, já não têm capacidade para fazê-lo. Os adultos das áreas rurais acham que o estudo deve ser para as crianças, para os adolescentes e para os jovens. Dizem que o tempo deles já passou para lidar com a educação, quer seja formal ou não formal. Neste contexto, há muito trabalho a fazer, para incentivar tanto as famílias como jovens adultos, a frequentar as escolas, de molde a que estes consigam quebrar o ciclo do analfabetismo. Agora, que se vive um clima de paz no país, urge a necessidade de alocar todos os meios e estratégias possíveis, no sentido de valorizar a alfabetização e a literacia, fazendo destes instrumentos preciosos, para o desenvolvimento da sociedade angolana, a todos os níveis, e, por isso, existe a necessidade de inculcar na mente de toda a população

o desejo de se instruírem. A literacia é “um direito do homem uma ferramenta de capacitação pessoal e um meio para desenvolvimento social humano” (UNESCO *apud* Pereira 2013:41).

Os adultos, das áreas não urbanas em Angola, deparam-se com muitas dificuldades, no campo da saúde, da aquisição de emprego, de enviar os filhos para o prosseguimento dos estudos para outros níveis académicos. Desta feita, constatando-se a precária situação da alfabetização, parece que garantindo a educação para adultos poder-se-ia surtir efeitos positivos na comunidade, incentivando os pais e as crianças no amor à sabedoria e ao estudo. Segundo Gonçalves (2014:446), as famílias podem proceder de forma individual quando se dedicam aos seus educandos existindo assim uma implicação paternal. Entretanto, também podem fazê-lo de forma coletiva participando naquilo que são os ideais da escola. Segundo Gonçalves (2014:446), os pais participam da educação académica em casa tendo presentes atividades que ajudam a estudar a fazer trabalhos de casa, definição de normas e horários de estudos. No caso dos adultos não alfabetizados do Cola, essa situação não acontece. A prova disto é que os pais que não têm nenhuma formação básica incentivam pouco os filhos, ou tal incentivo não tem muita consistência, não existe prolongamento entre escola-casa, é uma incompatibilidade e por esta razão abraçam o indiferentismo no processo do acompanhamento académico dos filhos de uma maneira acutilante.

(...) incentivo os meus filhos naquilo que posso, porque também careço de bagagem intelectual. Em casa não consigo os ensinar nas suas tarefas escolares porque também não percebo nada (Maria, 63 anos).

É por isso que “na explicação do insucesso escolar é frequentemente evocado especialmente pelos docentes, o desinteresse ou a indiferença das famílias em relação à escola nomeadamente o reduzido apoio prestado à escolaridade e à falta de ambições escolares” (Seabra 2010:200-201), as quais não investem muito na educação dos seus filhos, como se pode provar aquando das entrevistas. Não se envolvem ativamente na aprendizagem dos seus filhos e muitas vezes as crianças são vítimas do trabalho infantil. Segundo Monteiro (2005:131), os profissionais da educação devem incentivar os adultos a participar no processo de aprendizagem dos filhos para que as crianças não sejam vítimas de outros trabalhos que possam ofuscar o aproveitamento escolar. Porém, nos contextos culturais e sociais distantes do universo escolar, são muitos os obstáculos a essa participação.

Os filhos das famílias rurais quando terminam o ensino básico já não avançam para outros níveis académicos. Segundo Zanten (1990 *apud* Seabra 2010:201), afirma que as famílias das zonas urbanas têm aspirações mais elevadas do que as rurais e manifestam espírito de revolta quando se trata de desespero face ao insucesso escolar. Segundo Queiroz (1991 *apud* Seabra 2010:201), estas famílias asseguram o prosseguimento com o

trabalho escolar ao passo que as famílias carentes economicamente vivem o sentimento de não conseguir dominar o universo escolar. Têm problemas sérios na interpretação de documentos simples (receita médica, certidão), portanto, não conseguem ajudar muito os seus filhos. Por isso, existe uma precariedade de relação com a literacia no que tange às famílias no meio rural.

#### **4.2.1. Adultos que não participam em ações de alfabetização**

Os adultos que não participam na alfabetização ostentam um perfil social pode ser descrito a partir dos dados obtidos. Foram entrevistados dez analfabetos, com maior incidência nas mulheres, poucos do sexo masculino. A idade dos mesmos situa-se entre os vinte e nove anos e aos sessenta e três anos e alguns (poucos) não sabem as suas idades. Muitos são casados e na sua maioria têm filhos, com um número compreendido entre dois e dez. A maior parte ocupa-se do trabalho agrícola, excetuando uma pessoa que se dedica a trabalho de lavadeira. Os que são pais são unânimes em dizer que querem que os filhos aprendam porque acreditam que, se souberem ler e escrever, terão mais possibilidades de elevar a sua qualidade de vida. Têm a noção das suas limitações no que diz respeito à comunicação à distância porque não sabem ler nem escrever qualquer missiva, gostam muito que os filhos andem na escola. Incentivam os filhos a estudar para terem uma vida melhor que permita o desenvolvimento sustentável. Também afirmam que, uma vez que são analfabetos ao menos que os seus filhos o não sejam.

Metade dos inquiridos dizem que já tentaram entrar na escola de adultos, mas, acabaram por desistir, embora muitos reconheçam que a alfabetização é muito importante para as pessoas e para a comunidade, tal como se afirma:

(...) tentei entrar na escola depois renunciei devido à minha cabeça dura. Não tive boa assimilação, não conseguia ter boas notas que possibilitassem transitar de classe, repetia várias vezes a mesma classe. Às vezes os outros que percebiam bem as aulas, riam-se de mim. Sentia-me envergonhado, por isso, enveredei-me pela decisão de desistir. Hoje, sofro consequências desagradáveis da minha decisão (Tembo, 45 anos).

Alguns dizem que se sentem muito tristes por serem analfabetos. Afirmam que têm vergonha da sua ignorância. No entanto, quando se lhes pergunta porque não frequentam, a escola de adultos, respondem que a sua situação de pobreza, a alimentação dos filhos (todos, de uma maneira geral, têm família muito numerosa), a agricultura e a pastorícia dificulta a possibilidade de aprenderem. Na sua maioria, nem se quer tentam, tal como afirma uma das questionadas.

(...) nunca tentei entrar na escola por causa do trabalho agrícola, falta de meios financeiros e de tratar dos filhos. Entretanto, gostaria de estudar, mas tenho impedimentos que acabei de mencionar (Catarina, 50 anos).

Outros afirmam que não conseguem aprender, pois o ensino é ministrado em Português, que é diferente do seu dialeto que é utilizado na comunicação do cotidiano. Quando precisam de ler o conteúdo de qualquer documento recorrem a quem lhes está próximo e sabe ler e escrever, assim como, aos elementos da Missão católica.

Os entrevistados na sua maioria dizem que a alfabetização tem uma grande relevância na sua vida porque permite a comunicação não só com o pessoal de perto, mas também com o de longe através de missivas. Eles percebem que a alfabetização é um garante para a melhoria das condições de vida, pois desperta a mente da pessoa e muda a sociedade. Segundo Mandela (2003), a educação é a arma mais poderosa que a pessoa pode usar para mudar o mundo. Os entrevistados percebem que para melhorar as condições de vida é indispensável a questão da alfabetização. “A competência da leitura e da escrita é incontestável devem ser dominadas por todos, de modo a garantir o acesso a bem essenciais” (Pereira 2013:41). Os entrevistados percebem muito bem a importância com que a educação de adultos se reveste, apesar dos constrangimentos no seu acesso.

(...) acredito que a educação de adultos é muito importante porque me pode tirar de uma visão míope das coisas, elimina a pobreza e é um meio facilitador na comunicação com os outros (Luísa, 43 anos).

Segundo a opinião de muitos adultos questionados, principalmente os recém alfabetizados, o saber ler e escrever tornou-os como que “outras pessoas”, mais independentes, com mais autoestima e, de uma maneira geral, mais felizes.

Ao longo desta pesquisa foi notória a existência de muitas barreiras concernente aos adultos não alfabetizados. Como sublinha o relatório da UNESCO (2010), existem barreiras institucionais, situacionais e disposicionais. Tendo presente esta realidade foi possível constatar os três aspetos aludidos. Segundo a UNESCO (2010), as barreiras institucionais envolvem práticas e procedimentos institucionais que desmoralizam ou impedem a participação dos adultos na alfabetização, sobretudo os que vivem situação de penúria. Assim sendo, os entrevistados do Cola manifestaram o número de professores que é ínfimo e, como se não bastasse, faltam muito, alegando a questão de remuneração monetária que não é pontual. Devia a esta situação muitos desistiram. A outra questão são as estruturas que não oferecem condições próprias. Relativamente as barreiras situacionais a UNESCO (2010), afirma que são barreiras que tem a ver com a situação pessoal dos indivíduos, por exemplo relacionadas à família ou ao trabalho. Estas têm mais presença no princípio e meados da vida adulta atingindo de forma peculiar as mulheres. No trabalho de campo que se fez, notou-se que o trabalho agrícola e o cuidado de casa (família) formaram uma grande barreira e, muitos não tiveram apoio para conciliar a vida familiar e a alfabetização e alfabetização. No tocante às barreiras disposicionais, a UNESCO (2010), afirma que essas barreiras estão presentes sobretudo entre os mais pobres, os menos alfabetizados ou os idosos. E esses têm



reminiscências da educação e formação inicial pensado que já não são capazes de enfrentar a alfabetização na fase adulta. Ora, muitos adultos da zona rural do Cola, muitos pensam dessa forma. Para eles, o tempo estudar já passou, já não existe tal disposição e têm memórias negativas dos tempos passados de escola que não lhes proporcionaram bom aproveitamento.

#### **4.2.2. Adultos que participaram em ações de alfabetização.**

No que diz respeito aos recém-alfabetizados, todos sabem as suas idades e, dos cinco inquiridos, já só dois trabalham na agricultura. Dizem que não estudaram enquanto crianças por causa da guerra e da pobreza dos pais.

A guerra impediu-me estudar, no momento que eu estava a iniciar os meus estudos na aldeia, fomos desalojados pelas forças da oposição, os meus pais deixaram todos os seus haveres e fomos para sede municipal de Caluquembe, onde encontramos um esconderijo. Este desalojamento provocou-nos uma perda enorme de bens dos meus pais, dando como consequência à pobreza extrema. Por isso, não tive oportunidade de estudar (Joaquim, 48 anos).

Vivem em diferentes aldeias, mas, todas do mesmo Município. Comparando-os com os não alfabetizados, percebe-se que existe uma semelhança, no sentido de que o sexo feminino predomina em número maior. No entanto, no que concerne a idade, os recém-alfabetizados são de menor idade (mais novos) comparativamente aos não alfabetizados. A sua idade anda a volta dos quarenta e três aos cinquenta e três anos, enquanto nos analfabetos as suas idades são compreendidas entre os vinte e nove anos e os sessenta e três anos e alguns (poucos) desconhecem as suas idades. Relativamente às profissões que exercem existe uma diferença em comparação com as dos analfabetos, pois que parte dos recém-alfabetizados tem trabalho de doméstica, cozinheira e de limpeza sendo poucos os que se ocupam do trabalho agrícola.

Tal como os analfabetos, todos têm alguém na família que frequentou a escola. Assim como no caso dos analfabetos, todos têm famílias numerosas. Todos os indivíduos em questão afirmam ser muito importante saber ler e escrever e que a alfabetização teve e tem uma grande importância na sua vida. Porém, nesta questão existe uma diferença em relação aos analfabetos, pois um dos inquiridos dos não alfabetizados afirmou não dar importância à alfabetização. Segundo os entrevistados (participantes), a alfabetização tem um ímpeto de garantir leitura nos livros dos filhos, enviar cartas para os professores, e ler o que os professores lhes enviam. Fá-los sentir-se mais estimados, comunicar-se melhor com os filhos e com os amigos e familiares.

A alfabetização tem uma grande importância na minha vida já me sinto mais respeitado, comunico-me melhor com os meus filhos e com os amigos e familiares, que vivem à distância, escrevo missivas. Já posso ler nos livros dos meus filhos, envio missivas para os professores, e

leio o que os professores lhes enviam. A alfabetização está a mudar a minha vida paulatinamente (Teresa, 52 anos).

A alfabetização constitui um meio facilitador na aquisição de emprego para alguns. Todos concordam que a alfabetização eleva o estatuto da pessoa na família e na comunidade. Para os recém-alfabetizados a alfabetização faz bem e promove a pessoa para melhores condições de vida (profissional, social, pessoal).

A alfabetização faz bem, porque vê-se que as pessoas com formação académica são chamadas para o emprego e quem não a tiver é como se fosse uma carta fora do baralho (excluída). Com a alfabetização sinto-me melhor e, é muito importante para sociedade (Anelito, 46 anos).

As razões que levaram os adultos a participarem em ações de alfabetização, foram a necessidade que sentiam de aprender a ler, escrever e contar. E foram motivados por diversas personalidades da sociedade. Com exceção de um que foi por iniciativa própria, os outros viram-se influenciados pela família, amigos e pelos senhores padres que trabalham na referida Missão. Os mesmos afirmam que existem algumas dificuldades que ofuscam muitas vezes a participação na alfabetização, como a vida de casa, a agricultura, a pastorícia, a alimentação e o vestuário dos filhos, as doenças nos agregados familiares que tornam a vida muito difícil para se poder frequentar a escola de adultos.

Apesar disso, superam essas barreiras com muita dedicação, conseguindo conciliar o tempo de atividades que naturalmente os podiam impedir. Sentem-se felizes porque a alfabetização produziu efeitos positivos, no sentido do relacionamento com outras pessoas, no que se refere à leitura e à escrita, à capacidade da interpretação de alguns documentos simples e na forma de mais vontade na aprendizagem.

#### **4.3. Considerações relativas à Missão do Cola, formadores e à Direção Municipal da Educação.**

O responsável da Missão pela educação de adultos, ao ser questionado acerca da sua opinião, relativamente à alfabetização de adultos, respondeu que é indispensável que se acelere todo o processo para que seja possível elevar o nível de escolarização, do mundo rural de Angola e, particularmente, na zona onde se situa a Missão. Continua a afirmar que a escola missionária tem uma grande preocupação com a formação integral do homem e que tudo fará, em parceria com o Estado para alfabetizar, por meio da escola de adultos, o maior número de cidadãos possível, dentro das suas possibilidades físicas, académicas, humanas e monetárias.

(...) a Missão do Cola, tem uma grande responsabilidade na promoção da pessoa humana e a coloca no centro das suas atenções, não se confina só no lado espiritual. Desta feita, a igreja como parceira do Estado continuará a afincar o seu projeto em consonância com o do Estado, para que o povo saia da situação de analfabetismo e da pobreza absoluta. A Missão fará tudo,

dentro daquilo que são as suas possibilidades. Tem-se consciência que não é fácil alfabetizar a pessoa na fase adulta, mas com persistência e sensibilização pode surtir efeitos positivos (Salomão, 42 anos).

A formação tem sido sempre uma grande preocupação da Missão. A Missão já está envolvida no processo de educação de adultos, alfabetização, desde 2007 de cidadãos que vivem na área geográfica onde esta se situa. O projeto da Missão conta com quatro formadores que, ao serem questionados sobre as dificuldades de implementação do projeto, argumentam que é difícil aliciar os cidadãos a frequentar a escola de adultos, porque estes vivem num ambiente de grande pobreza, dado que vivem da agricultura de subsistência e com a responsabilidade de alimentar um elevado número de filhos. Nota-se pouca envolvimento das pessoas letradas na mobilização das comunidades para as tarefas da alfabetização, salienta-se também o abandono das populações das zonas de origem por razões da prática do cultivo e transumância. Afirmam que existe um fraco envolvimento do Estado na mobilização comunitária para a alfabetização.

Muitas famílias não são fixas nas aldeias, procuram sempre terras férteis para o cultivo e às vezes mudam-se por causa da pastorícia. E isto, dificulta muitas vezes a alfabetização de adultos e não só (Salomão, 42 anos).

Não existem muitas ajudas desejáveis da parte do Estado. Os professores faltam e não estão motivados por terem salários muito baixos, não na Missão, mas em geral. Os formadores são da opinião que a Província de Huíla é uma das que tem mais analfabetos e, ter-se-á de reverter esta situação, o mais rápido possível. Todos os formadores questionados dizem que gostam de formar adultos, contudo, referem que é mais fácil ensinar as crianças. No entanto, uns referem que quando se encontram adultos motivados também gostam muito de os ensinar porque esses estão decididos a aprender e não brincam nas aulas.

(...) a Província de Huíla, é uma das que tem o maior número de analfabetos a nível do país, por isso, é preciso um esforço redobrado para minimizar a situação em causa para o bem da população, mormente a rural. Como professor gosto muito de acompanhar os adultos na sua alfabetização, embora exija muita paciência e tempo (Pilartes, 48 anos).

Relativamente as entrevistas feitas à Direção Municipal de Educação, quanto à estratégia de sensibilização para minimizar o analfabetismo na fase adulta, na sua jurisdição, respondem com uma infinidade de itens do que já fizeram e que querem continuar a fazer, para tentarem alfabetizar o maior número de cidadãos possível. Assim, respondem que têm promovido campanhas de sensibilização. Que pretendem sensibilizar as autoridades tradicionais, administrativas, comissões de moradores, Igreja e autoridades locais para a solução do problema do elevadíssimo número de analfabetos que residem na área municipal.

(...) na verdade, o trabalho é árduo no que se refere à alfabetização de adultos, temos tentados articular com vários parceiros da sociedade (Igrejas, Organizações não

Governamentais e outras Associações), para a sensibilização de jovens e adultos de modo à aderirem em ações de alfabetização (Benvinda, 32 anos).

Referem que querem implementar uma política remuneratória para os alunos que frequentarem os cursos. Também prometem adquirir materiais para suporte pedagógico, assim como, criarem turmas que possam fazer as suas aprendizagens por módulos. Nesta área municipal existem 61000 alunos do pré-escolar até ao ensino médio. A percentagem de analfabetos é de 65% da população, embora já existam muitos jovens que concluíram o ensino médio.

## CONCLUSÃO

A elaboração deste trabalho, assim como, a análise das informações recolhidas, permite perceber, com mais clareza, a problemática da relação das famílias do mundo rural de Angola, do Município de Caluquembe, com a literacia. Na realidade, verificou-se, pelas respostas obtidas, que os cidadãos recém-alfabetizados e analfabetos mais velhos na sua maioria, reconhecem a importância da alfabetização na fase adulta e não só. No entanto, embora reconheçam a utilidade da alfabetização, não estão muito motivados para aderirem ao processo. Alegam muitas razões de contexto familiar e de trabalho, algumas muito válidas, mas, acima de tudo, pensam que já não conseguem aprender, e que, para a sua vida, já não faria muita diferença serem alfabetizados. Ficam assim bem evidentes as barreiras disposicionais e situacionais, mesmo quando existe ofertas de ações de alfabetização no terreno. Por isso, o Governo deve assegurar a metodologia traçada em 2001 que é do

acesso da população adulta à educação, possibilitando-lhes a aquisição de competências técnico-profissionais para o crescimento económico e o progresso social do meio que a rodeia, reduzindo as disparidades existentes em matéria de educação entre a população rural e a urbana numa perspectiva do género (Lei de Bases nº 13/01).

Relativamente aos mais jovens, estes são da opinião que devem aprender, porque só assim, terão possibilidades de passar de agricultores de subsistência a operários. No que diz respeito aos motivos de não terem frequentado a escola, enquanto crianças, as causas mencionadas têm, essencialmente, a ver com a guerra civil muito prolongada e as suas consequências ao nível familiar, social e de pobreza absoluta, que não permitia mais do que lutar pela subsistência fisiológica. Muitos dos mais novos, ou não frequentaram a escola ou se a frequentaram foi por pouco tempo, não obtendo qualquer certificação formal, essencialmente devido à pobreza.

Este estudo, e os seus resultados, evidenciam a necessidade de uma ação muito robusta e, essencialmente, muito bem sistematizada com a alocação de meios financeiros e humanos, para poder dar resposta às necessidades mínimas de funcionamento das unidades escolares, que possam garantir o ensino nas zonas rurais, neste caso, na província de Huíla, de acordo com o que a Constituição de Angola determina, relativamente ao ensino no País.

No que diz respeito aos resultados obtidos do projeto, pode dizer-se que foram alcançados, tanto o objetivo geral como os objetivos específicos propostos. O estudo intensivo que se escolheu para esta dissertação, proporcionou vantagens mormente no acesso de forma direta à experiência dos indivíduos entrevistados. Obteve-se conteúdos ricos em pormenor e em narrações. Esta técnica possibilitou perceber bem o estudo em causa, houve muita abertura nas questões respondidas pelo público-alvo, portanto, permitiu grande interação entre o

entrevistador e o entrevistado, embora com algumas limitações, de entre as quais se destaca o universo restrito dos indivíduos em estudo. Esta situação não permite, estatisticamente, fazer extrapolações mais extensivas, tanto para os indivíduos como para os territórios. Outra limitação, consiste em não haver equidade numérica entre os indivíduos do sexo feminino e do sexo masculino questionados, porque os homens se recusam serem entrevistados e acham humilhante apresentar-se na fase adulta como os que não sabem ler nem escrever (analfabetos), o que não permite tirar qualquer ilação relativamente às diferenças fundamentais das opiniões e vivências entre sexos.

Na realização de investigação deste trabalho, houve algumas dificuldades que tentaram ofuscar o caminho traçado, contudo, foram superadas. Trata-se do acesso para se chegar ao local de investigação. Não foi uma tarefa fácil, porquanto, a estrada encontra-se muito degradada, foi preciso fazer muito tempo de viagem para se chegar à área de investigação. A outra dimensão constrangedora desta investigação prende-se com a mobilização dos inquiridos, devido às suas ocupações do dia-a-dia, não foi possível realizar o pretendido no tempo certo, procurou-se passar por caminhos tortuosos ir às aldeias dos visados e esperar até que voltassem das suas atividades laborais. Para que aceitassem a proposta das entrevistas, primou-se pela explanação daquilo que seria o conteúdo das entrevistas e consequentemente daquilo que seriam os benefícios sobre a contribuição da reflexão do fenómeno em causa. E esclareceu-se que a contribuição dos visados sobre o assunto desempenharia um papel importantíssimo por ser um contributo valioso e por ter exemplos concretos daquilo que é a realidade no mundo rural do Cola sobre a situação da alfabetização na fase adulta. Também se salienta o outro aspeto constrangedor que é o de fazer investigação numa área sem internet, sem estradas aceitáveis e sem transporte público. É uma experiência que fica na nossa história como estudantes do Mestrado e que é muito valiosa. A nossa estada na área de investigação com o tempo compreendido em quase dois meses, criou proximidade e familiaridade com o público-alvo apesar de que já éramos conhecidos.

Para instar o pessoal entrevistado, procurou-se falar com o Pároco da Missão Católica do Cola, com a Administradora Comunal e com outro pessoal da zona, que de certa maneira, facilitaram a interação com o público-alvo. O contacto com essas entidades e pessoal da zona, também foi complicadíssimo, visto que, a área não tem rede de comunicação telefónica. Usou-se o pedido por escrito em documento físico que foi enviado ao pessoal supracitado e estes fizeram todas as diligências de solicitar o público-alvo que ouvindo a solicitação respondeu positivamente.

O tema escolhido de alfabetização de adultos no mundo rural, tem se debatido várias vezes em Angola, como suporte para o desenvolvimento sustentável da sociedade, porém, esses debates são desconhecidos na sua maioria por aqueles que mais os precisam (pessoas do

mundo rural). Tal é assim que foi difícil falar do tema porque, para o mundo rural, o ato de estudar é associado à fase inicial da vida (infância), porque a fase adulta acarreta consigo muitos constrangimentos. Os incentivadores da alfabetização (Governo, Igrejas e Organizações não Governamentais), nem sempre chegam às zonas mais recônditas do país. Desta feita, a realidade do fenómeno do analfabetismo que retarda o desenvolvimento para as suas vidas é menos conhecida.

O trabalho foi elaborado com o rigor possível, e mesmo com algumas limitações, espera-se que possa contribuir para futuros trabalhos, na área da educação e combate ao analfabetismo, com maior incidência nas zonas rurais de Angola, especialmente na província de Huíla, para bem da libertação intelectual dos cidadãos, para o seu desenvolvimento e bem-estar, vivendo com a dignidade a que têm direito. Conhecendo o povo da área, onde o estudo foi realizado, assim como, as circunstâncias das suas vivências, sugeria-se que o Ministério de Educação, em colaboração com o Ministério da Saúde, construíssem pequenas estruturas físicas, onde pudessem funcionar salas de aula, com um pequeno gabinete de enfermagem, onde, pelo menos, duas vezes por semana, os habitantes dos aglomerados circundantes, assim como, os alunos pudessem dispor de um serviço de enfermagem que providenciasse assistência na saúde e também sanitária. Talvez fosse uma estratégia que, além de muito útil, seria mobilizadora e atrativa para sensibilizar os jovens no processo da educação de adultos. Também poderia ser apelativo que os jovens analfabetos pudessem ser contemplados, com uma pequena ajuda financeira, enquanto frequentassem as aulas de alfabetização. É dever institucional e moral, do governo Angolano, proporcionar os meios técnicos e financeiros adequados, para garantir aos seus cidadãos a educação e a boa saúde a que têm direito. É da mais elementar justiça que não sejam esquecidas as populações rurais, muitas vezes deixadas ao abandono, depois de lhes ter sido destruído quase tudo, incluindo a morte de muitos dos seus familiares e amigos, atirando-os para a pobreza.

Espera-se que a leitura deste trabalho vá ao encontro das expectativas daqueles que se dedicam à investigação e possa ser um contributo incentivando a prosseguir o estudo dos comportamentos sociais e educativos, especialmente, dos povos que vivem nas periferias urbanas e dos grandes interesses de quem os governa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Altuna, Raul de Asúa (1993), *Cultura Tradicional Banto, Luanda*, Secretariado Arquidiocesano de Pastoral.
- Aníbal, Alexandra e Rosa Moinhos (2010), "Educação não escolar: Esboço de um subcampo da sociologia da educação em Portugal" em Pedro Abrantes (org.), *Tendências e Controvérsias em Sociologia da Educação*, Lisboa, Mundos Sociais, pp. 173-205.
- Araújo, Luísa (2015), "Educação de Adultos: Soluções Transitórias para um Problema Persistente" em Maria de Lurdes Rodrigues (org), *40 Anos de Políticas de Educação em Portugal, Vol. I*, Coimbra, Almedina, pp. 353-392.
- Ávila, Patrícia (2008), *A Literacia dos Adultos. Competências-Chave na Sociedade do Conhecimento*, Lisboa, Celta, Tese de Doutoramento.
- Azevedo, Joaquim (2007), *Sistema Educativo Mundial: Ensaio sobre a regulação transnacional da educação*, Vila Nova de Gaia, Fundação Manuel Leão.
- Barreto, Augusto Gomes (2016), "Escolas Comunitárias na Guiné-Bissau: Sentidos relações e mudanças" em Teresa Seabra e Pedro Abrantes (orgs.), *Incursões na Sociedade Educativa*, Lisboa, Mundos Sociais, pp 61-74.
- Baur John (1994), *2000 anos de Cristianismo em África: Uma História da Igreja Africana*, Lisboa, Paulinas.
- Benavente, Ana et al. (coord.), (1996), *A literacia em Portugal. Resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Canário, Rui (2013), *Educação de Adultos: Um Campo e uma Problemática*, Lisboa, Educa.
- Cazalma, Amélia Cecília Domingas Carlos (2014), *A Educação para Cidadania Democrática em Angola: O Papel da Educação para a Cidadania do Bem-Estar Social e Escolar*, Universidade de Granda, Faculdade de Ciências da Educação, Tese de Doutoramento.
- Cavaco, Carmen (2018), "Analfabetismo e Alfabetização de Adultos em Portugal," *Revista Contemporânea da Educação* (online) 13, 27, consultado em 19.04.2020, disponível em <https://www.google.com>
- Costa, António Firmino da (2014), "A Pesquisa de Terreno em Sociologia" em Silva, Augusto Santos e José Madureira Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento, pp. 129-148.
- Duarte, Isabel (1997), *Começar de Novo, Ensino Recorrente no Feminino: um estudo de caso*, Lisboa, Ministério da Educação.
- Étienne, Jean et. ali (2008), *Dicionário de Sociologia*, Lisboa, Plátano Editora.
- Fernandes, António José (1994), *Métodos e Regras para Elaboração de Trabalhos Académicos e Científicos*, Porto, Porto editora.
- Fernández, Florentino Sanz (2006), *AS Raíces Históricas dos Modelos Atuais de Educação de Pessoas Adultas*, Lisboa, Educa.



- “Finis coronat opus” em *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (em linha), 2008-2020, Disponível em <https://dicionario.priberam.org/finis%20coronat%20opus>, consultado em 06-04-2020.
- Freitas, Dércia Eloísa Gonçalves de (2014), *O Combate ao Analfabetismo em Angola desde o Acordo de Paz (2002). Alfabetização e os seus Constrangimentos no Meio Rural*, Coimbra, Dissertação de Mestrado.
- Gauthier, Benôit (2003), *Investigação Social: Da Problemática à Colheita de Dados*, Loures, Lusociência.
- Giddens, Anthony (2013), *Sociologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
- Gomes, Monica Lola Justino (2018), *Alfabetização de Adultos na Guiné-Bissau (Madina de Boé)* Coimbra, Dissertação de Mestrado
- Gomes, Patrícia (2020), “Educação e Ciência,” *Revista Prosa Verso e Arte* (online), consultado em 24.04.2020, disponível em <https://www.revistaprosaversoearte.com>
- Gonçalves, Eva (2014), “Evolução da Participação dos Pais no Sistema Educativo: Um Olhar a Partir da Produção Legislativa” em Maria de Lurdes Rodrigues (org.), *40 Anos de Políticas de Educação em Portugal, Vol. II*, Coimbra, Almedina, pp. 445-492.
- Graff, Harvey J. (1995), *Os Labirintos da Alfabetização: Reflexões sobre o passado e o presente da alfabetização*, Porto Alegre, Artes Médicas.
- Ireland, Timolthy Denis e Spezia Carlos Humberto (orgs) (2014), *Educação de adultos em retrospectiva: 60 anos de CONFINTEA*, Brasília, UNESCO, ([http:// unesdoc.unesco.org /images / 0023 /002305 /230540por.pdf](http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002305/230540por.pdf))
- Iturra, Raul (1990), *Fugirás à a escola para trabalhar a terra: Ensaios de antropologia social sobre o insucesso escolar*, Lisboa, Escher.
- Liberato, Ermelinda (2012), *Avanços e Retrocessos da Educação em Angola*, Luanda, Universidade Agostinho Neto. Dissertação de Mestrado.
- Liunda, Palmira Licongue da Silva (2015), *Formação de Diretores do Ensino Primário e Secundário das Escolas Públicas em Angola*, Lisboa, ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa, Dissertação de Mestrado.
- Martins, Susana da Cruz (2012), *Escolas e Estudantes da Europa: Estruturas, Recursos e Políticas da Educação*, Lisboa, Mundos Sociais.
- MED - *Angop Agência Press*, 22 de janeiro 2020, (online), consultado em 02.04.2020, disponível em <http://www.angop.ao>.
- Mlodinow, Leonard (2016), *De Primatas a Astronautas*, Lisboa, Editora Presença.
- Monteiro, A. Reis (2005), *Deontologia das Profissões da Educação*, Lisboa, Almedina.
- Morand-Avmon, Bernadette (2007), *Olhares Cruzados Sobre a Educação Não Formal Análise de Práticas e Recomendações*, Portugal, Direção-Geral de Formação Vocacional.
- Ngaba, André Vela (2017), *Políticas Educativas em Angola (1975-2005). Entre o global e o local: o sistema educativo mundial*, Porto, Sedieca.

- Pereira, Luís (2013), *Literacia Digital e Políticas Tecnológicas para a Educação*, Santo Tirso, de facto editores.
- Pinto, J. Madureira (1985), *Estruturas sociais e práticas simbólico-ideológicas nos campos. Elementos de teoria e de pesquisa empírica*, Porto, Edições Afrontamento.
- Ribeiro, Vera Masagão (1997), “Alfabetismo funcional: Referências conceituais metodológicas para pesquisa” em *Educação e Sociedade*, ano XVIII, nº 60.
- Savoie-Zajc, Lorraine (2003), “A entrevista semidirigida” em Gauthier, Benôit, *Investigação Social da Problemática a Colheita de Dados*, Loures, Lusociência, pp. 279-301
- Seabra, Teresa (2010), *Adaptação e Adversidade: o desempenho escolar dos alunos de origem indiana e cabo-verdiana no ensino básico*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Sousa, Maria José e Cristina Sales Baptista (2014), *Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios: Segundo Bolonha*, Lisboa, Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação.
- UNESCO (2010), *Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos* – Brasília, ([http://unesdoc.unesco.org/ images / 0023/002305/230540por.pdf](http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002305/230540por.pdf)).

## **FONTES LEGISLATIVAS**

- Decreto Presidencial n.º 257/19 de 12 de agosto, *Diário da República de Angola nº 103/19 - I Série*, Ministério da Educação, Angola.
- Lei nº 13/01 de 31 de dezembro, *Lei de Bases do Sistema de Educação, Diário da República, I Série, nº 65*, Angola-Assembleia Nacional.

## ANEXOS

### ANEXO I - FOTO TIRADA NO COLA/COMUNA DO CALEPI COM O PESSOAL DA NOSSA PESQUISA



### ANEXO II – GUIÃO DE ENTREVISTAS

Identificação da Missão Católica \_\_\_\_\_ Local de Entrevistas \_\_\_\_\_

Entrevista nº \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_ Hora \_\_\_\_\_ Estas

entrevistas inserem-se num estudo sobre a “Alfabetização de Adultos em Angola: O caso do município de Caluquembe-Cola” que está a ser realizado no âmbito do Mestrado em Educação e Sociedade no Instituto Universitário de Lisboa-ISCTE. Tem como objetivo perceber

- De que modo percebem a importância da alfabetização e da literacia para a sua vida pessoal, social e profissional e ainda para a família.

- Perceber se têm participado em processos de alfabetização (na vida adulta) e, se não participam, saber o porquê.

Desta feita, peço encarecidamente que me responda as questões que te vou colocar com maior rigor possível e dizer que existe confidencialidade nos dados que são recolhidos.

## **1- De que modo percebem a importância da alfabetização e da literacia (vida pessoal, social e profissional e família).**

### **a) Questões para os não alfabetizados (analfabetos)**

- Como te chama?
- Quantos anos têm? Sexo?
- Em que aldeia vives?
- És solteiro(a)?
- Para ti qual é a importância da alfabetização na tua vida adulta?
- Já tentou entrar na escola de alfabetização na tua vida adulta?
- Quais são as situações que constituem barreiras para a sua alfabetização na vida adulta?
- O que pensas sobre a alfabetização?
- Que relação tens com a escola dos teus filhos?
- Achas que a alfabetização de adultos constitui um caminho para o desenvolvimento sustentável da sociedade?
- O analfabetismo constitui um problema na tua vida? Se sim, exponha-o.

### **b) Questões para adultos recém alfabetizados**

- Como te chama?
- Quantos anos têm? Sexo?
- Em que aldeia vives?
- És solteiro(a)?
- O projeto de alfabetização tem ajudado a ler, a escrever e interpretar os textos?
- Tem sido difícil estudar na fase adulta? Se sim, quais são as dificuldades?
- Tem incentivado os teus filhos a estudar? Se sim, como?
- O quê que tem a dizer com relação aos outros que não aderiram ao projeto de alfabetização?
- Quais são os pontos fortes e fracos do projeto implementado de alfabetização?

## **2- Um olhar sobre a posição da Direção da Escola Missionária, Formadores Direção Municipal de Caluquembe face ao analfabetismo**

**a) Questão para Direção da Escola Missionária do Cola**

- Qual é o vosso parecer sobre a questão de alfabetização de adultos?
- Há quantos anos existe o projeto?
- A quem se dirige?
- Quantas pessoas participam atualmente?
- Quantos formadores integram o projeto?
- Quais as principais dificuldades?

**b) Questões para formadores**

- Tem sido fácil alfabetizar os adultos?
- Quais são os constrangimentos na alfabetização de adultos?
- Qual é a vossa opinião sobre a alfabetização de adultos?
- Gostam de ser formadores de adultos? Há quanto tempo desenvolvem essa atividade?
- Existe uma diferença entre alfabetizar jovens e adultos?

**c) Questão para Direção Municipal da Educação**

- Qual tem sido a estratégia da Direção Municipal para minimizar o analfabetismo na idade adulta?
- Qual a oferta educativa no Município? Qual a % de adultos analfabetos? Quais os níveis de escolaridade da população? (adultos e jovens)?

Obrigado pela tua colaboração!

## Anexo III

### ANEXOS III- DESCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: DA TEORIA À INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

#### **1. Idade**

1. A esta questão, maior parte dos inquiridos, sabe as suas idades. E estas idades são compreendidas entre os vinte e nove e os sessenta e três anos.

#### **2. Sexo**

2. Dos entrevistados sete são do sexo feminino e três são do sexo masculino.

#### **3. Estado civil**

3. Dos inquiridos seis são solteiros e quatro são casados.

#### **4. Se tem filhos**

4. Dos entrevistados maior parte tem filhos. A-3, B-4, C-10, D-0, E-8, F-8, G-7, H-9, I-6, J-2.

#### **5. Número de filhos**

5. Cinquenta e nove filhos. O número é diversificado entre as famílias. A família mais extensa tem dez filhos e a menos extensa tem dois filhos.

#### **6. Profissão**

6. Relativamente às profissões, maior parte dedica-se ao trabalho da agricultura, excetuando uma lavadeira, sendo que esta também trabalha na agricultura.

#### **7. Porque nunca frequentou a escola enquanto criança**

7. Muitos dos inquiridos nunca frequentaram a escola enquanto criança e alguns que frequentaram foi por pouco tempo, não conseguindo aprender a ler e a escrever.

#### **8. Alguém da sua família frequentou a escola enquanto criança**

8. Nesta questão muitos responderam que tem na família pessoas alfabetizadas e poucos que não têm qualquer elemento.

#### **9. Para si qual a importância da alfabetização**

9. Nesta questão. Muitos responderam que é muito importante e poucos dizem ser indiferentes porque para o trabalho agrícola não interessa saber ler ou escrever. O que interessa é o trabalho.

#### **10. Já tentou frequentar a escola para adultos**

10. Nesta questão metade disse que nunca tentou entrar na escola por causa do trabalho agrícola e de tratar dos filhos. E outra metade dos inquiridos disse que já tentou frequentar a escola, mas houve desistências por falta de condições e, outros sublinham a questão da assimilação que era muito difícil.

#### **11. O que o impediu de aprender a ler e a escrever em criança**

11. Nesta questão a maioria respondeu que os pais eram demasiado pobres, não os podiam ajudar e começaram a trabalhar muito novos para ajudar os pais e os irmãos mais novos. Também todos mencionaram que a guerra também os impedia de frequentar a escola.

### **12. O que pensa sobre a alfabetização**

12. Nesta questão muitos dizem que é muito importante e poucos dizem não ser importante. Os que dizem ser muito importante justificam dizendo que a alfabetização os podia tirar da pobreza e a comunicar melhor com os outros.

### **13. Se tem filhos que relação tem com a escola que os seus filhos frequentam**

13. A maioria respondeu que gosta muito que os filhos andem na escola e aprendam. Dizem que incentivam os filhos a estudar para terem uma vida melhor que eles tiveram. Também afirmam, uma vez que são analfabetos ao menos que os seus filhos o não sejam.

### **14. Acha que a alfabetização contribui para o desenvolvimento da sociedade**

14. A este objetivo todos responderam que o processo de alfabetização, se tiver sucesso, será muito importante para o desenvolvimento das comunidades por permitir uma melhor comunicação e informação das orientações das municipalidades.

### **15. O analfabetismo constitui um problema na sua vida diária**

15. A esta questão muitos responderam que faz muito transtorno não saber ler nem escrever uma pequena carta para os familiares e amigos que vivem noutras terras. E poucos responderam que não faz diferença.

### **16. Se sim, exponha os problemas**

16. Nesta questão muitos disseram que lhe faz muita diferença na vida porque estão muito limitados na sua comunicação. Alguns dizem também que lhe causa uma grande tristeza e que agora já é muito tarde para aprender com as condições de pobreza que têm. 10% dizem que não lhes faz grande diferença e que não se sentem motivados a aprender por já serem velhos. Alguns referem também que sentem uma grande tristeza e vergonha, perante os filhos.

## **Sistematização da informação recolhida e conclusões**

### **Alfabetizados**

#### **1. Idade e sexo**

1. Relativamente ao objetivo da questão número um, saber a idade e o sexo dos cinco indivíduos inquiridos, três são do sexo feminino, e dois do sexo masculino. As suas idades estão compreendidas entre os quarenta e três e sessenta e dois anos.

#### **2. Profissão**

2. No que diz respeito às profissões, três trabalham na agricultura, uma em limpeza e a outra é cozinheira.

#### **3. Tem filhos**

3. Quanto aos filhos, todos os questionados têm filhos distribuídos de A para E, do seguinte modo, A – 7, B – 4, C - 6, D – 7 e E – 8. Na totalidade o número de filhos dos indivíduos entrevistados é de 32.

**4. 4. Porque não frequentou a escola enquanto criança**

A esta questão todos responderam que foi por causa da guerra e da pobreza que os impediu de ir à escola enquanto crianças.

**5. Alguém da família frequentou a escola enquanto criança**

5.A esta questão todos responderam que têm alguém na família que frequentou a escola enquanto criança.

**6. Aldeia onde vive**

6. Relativamente às aldeias onde vivem, dois responderam que vivem na mesma aldeia e os outros três em aldeias vizinha diferentes, mas todos do mesmo município.

**7. Estado civil**

7. No que se refere ao estado civil dos entrevistados, 4 são casados, e um solteiro.

**8. A importância da alfabetização na tua vida**

Todos os entrevistados dizem que a alfabetização teve uma grande importância na sua vida já que se sentem mais respeitados, comunicam melhor com os filhos e com os amigos e familiares, que vivem à distância, escrevendo cartas e missivas. Facilitou o emprego para alguns. Já podem ler nos livros dos filhos, enviar missivas para os professores, e ler o que os professores lhes enviam. Todos concordam que a alfabetização eleva o estatuto da pessoa na família e na comunidade.

**9. Porque entrou no projeto de alfabetização**

9.A esta questão todos responderam que foi pela necessidade que sentiam de aprender a ler e a escrever.

**10.Quem o incentivou a entrar no projeto**

10. Nesta pergunta dois responderam que foi por iniciativa própria, dois por influência da família e amigos e um por influência dos senhores padres.

**11. Como soube da existência do projeto de alfabetização**

11. Nesta questão todos responderam que foi através da Igreja, Missão de Cola, e, também, e pela feita pelo governo provincial.

**12.A sua alfabetização tem ajudado na vida do dia a dia a ler, escrever e a interpretar a leitura.**

12. Nesta questão todos responderam que sim, tanto a nível das relações da comunicação como a nível pessoal. Alguns respondem que se sentem como outras pessoas “pareço outra pessoa”

**13.Em que situações e com que frequência lê e escreve**



13. A esta questão quatro responderam que leem na Igreja, fazendo a leitura das Sagradas Escrituras, escrevem cartas para os seus familiares que vivem em outras terras, leem livros de alfabetização e ensinam os seus filhos e familiares a ler.

**14. Que tipo de leitura ou documentos costuma ler ou escrever**

14. Nesta questão quatro responderam que leem livros da Igreja, a Bíblia, Salmos, Catecismo e livros de alfabetização. Um responde que lê livros de alfabetização e os livros dos filhos.

**15. Tem sido difícil estudar na fase adulta. Quais são as maiores dificuldades**

15. A esta questão todos responderam que foi muito difícil porque a vida da casa, a agricultura, a pastorícia, a alimentação e o vestuário dos filhos, as doenças nos agregados familiares tornam a vida muito difícil para se poder frequentar a escola de adultos.

**16. Os teus amigos e familiares são a favor da alfabetização**

16. A esta questão todos responderam que uns são a favor outros não. Os que dizem ser a favor consideram que a alfabetização é um bom projeto. Os que dizem que não argumentam que já são muito velhos para aprender e que as crianças é que devem ser instruídos.

**17. Os teus filhos incentivam-te a estudar**

17. A esta questão todos responderam que os filhos gostariam que eles aprendessem mais. Alguns dizem que os filhos ficam muito contentes quando eles leem nos seus livros.

**18. Incentivas os teus filhos a estudar. Se sim, diz como**

18. A esta questão todos responderam que incentivam os filhos no que podem, ora dando exemplos ora falando-lhes sobre o futuro. Alguns referem que falam com os filhos sobre as vantagens de estudarem.

**19. Qual a tua opinião sobre aqueles que não se querem instruir**

19. A esta questão todos responderam que deveriam fazer um esforço para aprenderem, pelo menos a ler e a escrever para os libertar da pobreza do analfabetismo. A aprendizagem, segundo os inquiridos torna os indivíduos mais respeitados e felizes.

**20. Quais os pontos fortes e fracos do projeto de alfabetização**

20. A esta questão todos concordam que a alfabetização contribui para a valorização individual e coletiva das comunidades. Segundo outros a alfabetização liberta as pessoas da cegueira do analfabetismo. Também todos concordam que a alfabetização pode contribuir muito para o desenvolvimento das populações. Também afirmam que, dada a pobreza em que a maior parte das famílias vive, a sua dispersão e isolamento, a falta de informação do governo, assim como, a não existência de apoios financeiros torna difícil a adesão ao projeto de alfabetização. Este facto leva a que muitos se inscrevam e facilmente desistem por se sentirem muito perdidos na comunicação.

**3.4. Descrição das entrevistas com a Missão, formadores e o Município**

O responsável da Missão pela educação de adultos, ao ser questionado acerca da sua opinião, relativamente à alfabetização de adultos, respondeu que é indispensável que se acelere todo o processo para que seja possível elevar o nível de escolarização, do mundo rural de Angola e, particularmente, na zona onde se situa a Missão. Continua a afirmar que a escola missionária tem uma grande preocupação com a formação integral do homem e que tudo fará, em parceria com o Estado para alfabetizar, por meio da escola de adultos, o maior número de cidadãos possível, dentro das suas possibilidades físicas, académicas, humanas e monetárias.

A formação tem sido sempre uma grande preocupação da Missão. A Missão já está envolvida no processo de educação de adultos, alfabetização, desde 2007 a cidadãos que vivem na área geográfica onde esta se situa. O projeto da Missão conta com quatro formadores que, ao serem questionados sobre as dificuldades de implementação do projeto, argumentam que é difícil aliciar os cidadãos a frequentar a escola de adultos, porque estes vivem num ambiente de grande pobreza, dado que vivem da agricultura de subsistência e com a responsabilidade de alimentar um elevado número de filhos. Afirmando que existe um fraco envolvimento do Estado na mobilização comunitária para a alfabetização. Não existem ajudas do Estado. Os professores faltam e não estão motivados por terem salários muito baixos, não na Missão, mas em geral. Os formadores são da opinião que a Província de Huila é uma das que tem mais analfabetos e, ter-se-á de reverter esta situação, o mais rápido possível. Todos os formadores questionados dizem que gostam de formar adultos, contudo, referem que é mais fácil ensinar as crianças. No entanto, uns referem que quando se encontram adultos motivados também gostam muito de os ensinar porque esses estão decididos a aprender e não brincam nas aulas.

Relativamente ao questionário feito à Direção Municipal de Educação, quanto à estratégia de sensibilização para minimizar o analfabetismo na fase adulta, na sua jurisdição, respondem com uma infinidade de itens do que já fizeram e que querem continuar a fazer, para tentarem alfabetizar o maior número de cidadãos possível. Assim, respondem que têm promovido campanhas de sensibilização. Que pretendem sensibilizar as autoridades tradicionais, administrativas, comissões de moradores, Igreja e autoridades locais para a solução do problema do elevadíssimo número de analfabetos que residem na área municipal. Referem que querem implementar uma política remuneratória para os alunos que frequentarem os cursos. Também prometem adquirir materiais para suporte pedagógico, assim como, criarem turmas que possam fazer as suas aprendizagens por módulos. Nesta área municipal existe 61000 alunos do pré-escolar até ao ensino médio. A percentagem de analfabetos é de 65% da população, embora já exista muitos jovens que concluíram o ensino médio.

### ANEXO IV- GRELHAS

No eixo do XX estão representados, por letras de A a J os indivíduos questionados  
 No eixo dos YY estão representados por números de 1 a 17 as questões colocadas  
 As quadrículas foram preenchidas com as palavras-chave das respostas

Quadro 2- Grelha projeto analfabetos

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1	50	Não sabe	50	Não sabe	52	63	42	Não sabe	48	29
2	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino	Feminino
3	Solteiro	Casada	Casada	Solteira	Solteiro	Solteira	Solteira	Solteira	Casado	Casada
4	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
5	3 filhos	10 filhos	4 filhos	0 filhos	8 filhos	10 filhos	7 filhos	9 filhos	6 filhos	2 filhos
6	Trabalho agrícola	Trabalho agrícola	Trabalho agrícola	Trabalho agrícola	Trabalho agrícola	Lavadeira	Trabalho agrícola	Trabalho agrícola	Trabalho agrícola	Trabalho agrícola
7	Não pode	Não tinha ajuda	Pais não mandaram à escola	Não era importante	Não estava motivado	Andou não aprendeu	Não devido à guerra	Não devido à guerra	Não devido à guerra	Abandono doença
8	Sim	Sim-primos	Sim primos	Sim irmãos	Sim família	Sim	Sim	Ninguém	Sim	Sim
9	Tem muita importância	Para ensinar filhos	Muito importante	Não importante trabalho	É importante	É importante	Ler é importante	É importante	É muito importante e	É muito importante
10	Não por causa trabalho	Não por causa trabalho	Não por causa trabalho	Tentei não aprendi	Nunca tentei	Sim desisti	Sim desisti	Sim desisti	Não falta meios	Sim desisti
11	Doença falta de meios	Falta tempo e meios	Falta tempo e meios	Doença difícil aprender	Pobreza e tempo	Pobreza e tempo	Pobreza e tempo	Pobreza e tempo	Pobreza e tempo	Pobreza e tempo
12	É muito importante	Viver melhor	Para emprego	Não é importante	É importante	Importante p/a vida	Desenvolvimento	Desenvolvimento	Importante e desenvolvimento	Importante desenvolvimento
13	Boa relação	Gosto muito	Gosto muito	Não tem filhos	Gosto de acompanhar filhos	Incentiva os filhos	Incentiva os filhos	Incentiva os filhos	Incentiva os filhos	Incentiva os filhos
14	Contribui desenvolvimento	Abre a mente	Sim importante	Sim importante	Desenvolvimento	Contribui desenvolvimento	Contribui desenvolvimento	Contribui desenvolvimento	Contribui desenvolvimento	Contribui desenvolvimento
15	Sim grande	Sim muito	Sim – não consigo ler	Ñ faz vida na mesma	Sim causa tristeza	Sim causa tristeza	Sim	Sim	Sim	Sim
16	Não consigo ler	Faz muita falta	Faz muita falta	Não	Tristeza e vergonha	Muita pena	Não consigo ler	Sim não sei votar	Frustração e triste	Sim não consigo ler
17	Vizinhos	Amigos	Amigas Igreja	Amigos	Amigos	Vizinhos	Amigas-Igreja	Amigas-Igreja	Vizinhos	Amigos

### Explicação da metodologia utilizada na elaboração desta grelha

No eixo do XX estão representados, por letras de A a E os indivíduos questionados

No eixo dos YY estão representados por números de 1 a 20 as questões colocadas

As quadrículas foram preenchidas com as palavras-chave das respostas

Quadro 3- Grelha projeto recém alfabetizados

	A	B	C	D	E
1	52 – Feminino	43 – Feminino	46 – Masculino	62 – Feminino	53 – Masculino
2	Doméstica	Cozinheira	Agrícola	Limpeza	Agrícola
3	7	4	6	7	8
4	Devido à guerra	Devido à guerra	Devido à guerra	Pobreza	Pobreza
5	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
6	Ndimba	Cafifi	Cola	Lwepanda	Lwepanda
7	Casada	Solteira	Casado	Casada	Casado
8	Muito importante facilita comunicação	Muito importante facilita comunicação	Muito importante facilita comunicação ensinar os filhos	Muito importante facilita comunicação	Muito importante, eleva a pessoa
9	P/a aprender a ler e a escrever	P/a aprender a ler e a escrever	Porque queria saber ler e escrever cartas	P/a aprender a ler e a escrever	P/a aprender a ler e a escrever e combater a pobreza
10	Foi por minha iniciativa	Foram os senhores padres	Minha mulher e amigos	Amigas e irmão	Vontade própria, necessidade e vergonha
11	Através da Igreja e amigos	Através da Igreja	Através da Missão de Cola	Através da Igreja e amigas	Através governo província e Missão
12	Tem ajudado muito vida	Tem ajudado muito vida	Tem ajudado muito vida	Ajudado. Sou outra pessoa. Escrevo e leio Igreja	Escrevo e leio pareço outra pessoa
13	Faço leituras em Igreja, leio escrevo cartas	Na Igreja. Na escola ensino criança	Na Igreja e escola de alfabetização	Leio na Igreja, ensino os meus filhos	Comunico com os amigos por carta, amigos, familiares
14	Catecismo, livros e Bíblia	Livro de Salmos e Bíblia	Livros da Igreja e de alfabetização	Catecismo, Bíblia e de alfabetização	Livros de alfabetização e livros dos filhos

15	Difícil por causa do trabalho e dos filhos	Difícil por doenças, trabalho, óbitos de familiares	Difícil trabalho cuidar dos filhos e animais	Difícil, doenças, óbitos e trabalho	Difícil trabalho dia a dia e filhos
16	Alguns sim, outros não, escola p/a crianças	Alguns sim, outros não, escola p/a crianças	Alguns sim, outros não, escola p/a crianças	Alguns sim, outros não, escola p/a crianças	Alguns sim, outros não, escola p/a crianças
17	Sim, bastante	Sim, bastante	Sim, bastante	Sim, querem que estude mais	Sim, querem que estude mais
18	Muito, porque assim pode ter melhor vida	Incentivo para progredir	Incentivo e digo as vantagens	Incentivo e dou exemplos	Incentivo, senão são sempre pobres
19	Estudar p/a se valorizarem	Estudar p/a se valorizarem	Estudar mais p/a se sentirem melhor	Estudar mais, ter mais respeito	Sim p/a experimentar alfabetização
20	Fortes porque muitos aprendem, fracos, desistência e Língua Portuguesa	Fortes, conseguem ler e escrever na igreja, fracos a língua falta e falta de professores	Forte-Saber ler e escrever - fraco-Língua Portuguesa desistências	Forte-Saber tira cegueira fraco - desistência L.P.	Forte - Valoriza pessoa Fraco - Mais informação e ajuda, governo

**República de Angola**  
**Ministério da Educação**  
**Província da Huíla**  
**Escola do II Ciclo do Magistério Primário de S. Tiago/Kalukembe**

**Assunto:** Declaração

Por este meio, a Direcção da referida Escola, certifica que o Senhor **Faustino Tchitetele**, estudante da Universidade de Lisboa – ISCTE/Portugal, compareceu na nossa Instituição de Ensino e fez o inquérito de pesquisa através de entrevistas para o seu trabalho científico.

Por ser verdade e para que não haja qualquer impedimento, passei – lhe a presente declaração assinada por mim e autenticada com o carimbo em uso nesta instituição de ensino.

Kalukembe, 06 de Fevereiro de 2020.

O Director da Escola

Martinho L. Nambo



















